



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

ELVIS DUARTE CLAUDINO

**AS DECLAMAÇÕES DOS SÚDITOS DIANTE DA RAINHA DA
BORBOREMA: A CONSTRUÇÃO DO “CAMPINISMO” NO
CAMPO POÉTICO E JORNALÍSTICO (1973-1983)**

**CAMPINA GRANDE – PB
MAIO DE 2016**

ELVIS DUARTE CLAUDINO

**AS DECLAMAÇÕES DOS SÚDITOS DIANTE DA RAINHA DA
BORBOREMA: A CONSTRUÇÃO DO “CAMPINISMO” NO CAMPO
POÉTICO E JORNALÍSTICO (1973-1983)**

Monografia apresentada ao Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de licenciado em História.

Orientador: Prof. Me. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio

CAMPINA GRANDE – PB

MAIO DE 2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C615d Claudino, Elvis Duarte
As declamações dos súditos diante da rainha da borboeira
[manuscrito] : a construção do "campinismo" no campo poético e
jornalístico (1973-1983) / Elvis Duarte Claudino. - 2016.
73 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Prof. Me. Bruno Rafael de Albuquerque
Gaudêncio, Departamento de História".

1. Campinismo. 2. Identidade. 3. Discurso. 4. Tradição
inventada. I. Título.

21. ed. CDD 981.33

ELVIS DUARTE CLAUDINO

AS DECLAMAÇÕES DOS SÚDITOS DIANTE DA RAINHA DA BORBOREMA:
A CONSTRUÇÃO DO "CAMPINISMO" NO CAMPO POÉTICO E
JORNALÍSTICO (1973-1983)

Monografia apresentada ao
Departamento de História da
Universidade Estadual da Paraíba,
em cumprimento à exigência para
obtenção do grau de licenciado em
História.

Aprovada em: 20/05/2016.

BANCA EXAMINADORA

Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio
Prof. Me. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Orientador

Patrícia Cristina de A. Araújo
Prof.^a Dr.^a Patrícia Cristina de Aragão Araújo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Examinadora

Jordan Queiroz Gomes
Prof. Me. Jordan Queiroz Gomes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Examinador

CAMPINA GRANDE
MAIO DE 2016

A minha família, primeiro lar e refúgio onde tranquilamente posso esquecer-me das atribuições que o tempo encarrega de trazer.

DEDICO

AGRADECIMENTOS

E no final desta jornada me resta apenas a agradecer àqueles que auxiliaram minha jornada até este derradeiro momento, e ainda que as palavras sejam breves elas refletem a minha caminhada espiritual nesses quatro anos e meio de curso.

Meus primeiros agradecimentos devem ser dirigidos a Deus, a quem tive um contato maior de fé durante o meu dantesco primeiro ano em sala de aula do ensino fundamental II, e especialmente agora na conclusão dessa monografia onde vi renovar minha fé a enésima potência desacreditando a todos os que questionaram se eu havia me tornado ateu durante o decorrer do curso. Seguidamente agradeço aos meus pais que deram todo o suporte necessário para que eu pudesse seguir essa caminhada de pouco mais de quatro anos. As amizades que pude construir e espero levar para a vida inteira, aos colegas e associados que nos momentos de crise pudemos nos auxiliar para atravessar desafios.

Aos professores do curso, e particularmente aos docentes Josemir Camilo e Gilbergues Santos que ao longo de suas aulas comentando sobre Campina Grande e seu bairrismo de natureza superlativo despertou meu interesse para que pudesse elaborar os primeiros traços do que viria a ser este trabalho. E como último dos professores que discorreram sobre este traço peculiar campinense ao meu orientador, Bruno Gaudêncio pela paciência de Jó ao me conduzir por entre as veredas do campinismo.

E por fim ficam meus agradecimentos a todos aqueles que indiretamente possibilitaram minha conclusão de curso, especialmente a toda a cadeia de produção de café, que possibilitou tirar-me do arrefecimento criativo com uma boa xícara deste tão embriagante licor negro.

Deixarei agradecimentos especiais aos motoristas de ônibus de nossa bela cidade que puderam preparar meu coração com rompantes de correria em meio à fria manhã serrana para aguentar os sustos que levei em sala de aula e fora dela além de possuírem um horário a que seguem que diverge com o horário oficial de Brasília.

*“Quem viveu e não gozou
Uma tarde aqui na serra.
Não diga que veio à terra.
Nem que na terra passou”*

Lino Gomes da Silva

RESUMO

A presente pesquisa aborda o município de Campina Grande-PB em sua capacidade criativa da criação de discursos que configuraram aos habitantes desta cidade o sentimento de apego local que tem como nome o campinismo. É sobre este sentimento que buscarei debruçar-me enquanto processo de formação da identidade campinense e de suas peculiares características apontadas, selecionadas e aprovadas para o discurso local, e a configuração que este bairrismo vem a adquirir durante o decênio que percorre os anos de 1973 a 1983, período em que o município terminara de enfrentar uma grave crise de ordem política, econômica e social causada pelas ações do regime ditatorial civil-militar dentro do cenário local. Para isso foram adotadas como fontes de pesquisa o Jornal da Paraíba e as composições de ordem poética criados no período para identificar quais adjetivos e traços foram adotados para reforçar o discurso da identidade local no que concerne a formação da cidade e sociedade campinense de forma idealizada sob esta nova realidade que estava despontando sobre o município.

Palavras-chave: Campinismo, identidade, discurso, tradição inventada.

ABSTRACT

This research deals with the city of Campina Grande – PB on your creative ability of create speeches that configures to the inhabitants of this city the sense of local attachment whose name is campinismo. It is this feeling that seek address me as a process of formation of Campina Grande identity and their specific characteristics identified, selected and approved to the local speech, and the configuration that this localism is acquiring during the decade that runs through the year 1973 to 1983, period in which the municipality ended facing a serious crisis of political, economic and social order caused by the actions of the civil-military dictatorship within the local scene. For that were adopted as research sources Jornal da Paraíba and poetic order compositions created in the period to identify which adjectives and features were adopted to reinforce the speech of local identity as regards the formation of the city and Campina Grande society, in a way idealized in this new reality that is emerging on the municipality.

Keywords: Campinismo, identity, speech, invented tradition.

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Lista de quadros

QUADRO: Comparativo de crescimento populacional entre as cidades de João Pessoa e Campina Grande.....22

Lista de iconografias

IMAGEM: Foto de capa do álbum “hino de Campina Grande”42

LISTA DE SIGLAS

ARENA - ALIANÇA RENOVADORA NACIONAL

CELB - COMPANHIA DE ELETRICIDADE DA BORBOREMA

CIRETRAN - CIRCUNSCRIÇÃO REGIONAL DE TRANSITO

COMDECA - COMPANHIA PRÓ-DESENVOLVIMENTO DE CAMPINA GRANDE

DETRAN - DEPARTAMENTO ESTADUAL DE TRÂNSITO

IHGP - INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO PARAIBANO

JPB - JORNAL DA PARAÍBA

MDB - MOVIMENTO DEMOCRÁTICO BRASILEIRO

PDLI - PLANO DE DESENVOLVIMENTO LOCAL INTEGRADO

SANESA - SANEAMENTO DE CAMPINA GRANDE S/A

SUDENE - SUPERINTENDÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE

TELINGRA - TELECOMUNICAÇÕES DE CAMPINA GRANDE S/A

URNE - UNIVERSIDADE REGIONAL DO NORDESTE

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAMPINA GRANDE EM PERSPECTIVA: GEOGRAFIA, POLÍTICA E ECONOMIA DA CIDADE NA DÉCADA DE 1970.....	18
O CAMPO LÍRICO E O CAMPINISMO: A CIDADE IDEALIZADA EM VERSOS	30
ENTRE O INFORMAR E FORMAR: O JORNAL DA PARAÍBA COMO CARTAZ DE PROPAGANDA DA IDENTIDADE CAMPINENSE.....	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
REFERÊNCIAS.....	72
FONTES:	74

INTRODUÇÃO

Em 2011 surgiu uma notícia inusitada na internet advinda do blog jornalístico administrado pelo jornalista Carlos Magno¹ e de nome homônimo. Com o título *Estado da Borborema- e por que não?* Houve naquele momento uma indagação de um renomado oftalmologista local, Roberto Pinto, feita durante as festividades de emancipação do município de Campina Grande daquele mesmo ano. O mesmo pregava a divisão do Estado da Paraíba em dois, a primeira parte estaria centrada na capital João Pessoa, e o segundo Estado englobaria a própria Campina Grande e cidades circunvizinhas, com base em um ideal da divisão de um estado em dois ou mesmo em três regiões administrativas diferentes que estavam em voga no período. Buscava-se a mais rápida administração e desenvolvimento de regiões que permaneciam a sofrer pela inoperância dos grandes estados brasileiros na lógica da descentralização administrativa, e a ideia viria dos Estados Unidos da América que dispõem de 50 estados em um território um pouco maior que o Brasil. Além do mais vem outra questão mais gritante que os habitantes da comuna sentem há décadas: Campina Grande estava sendo relegada ao segundo plano no que concerne às autoridades estaduais. O discurso prossegue até os dias atuais apontando a preleção que os governos estaduais têm e tiveram por instalar serviços e indústrias com mais vigor para João Pessoa apenas pelo seu status de capital. Reforça-se a imagem do sofrimento nas mentes dos leitores locais que Campina Grande é a cidade que cobre os gastos do estado, assim como Prometeu alimentara contra sua vontade a fome dos abutres que vinham dilacerar seu fígado constantemente.

A ideia de autonomia não foi algo isolado. Outro exemplo que podemos citar foi uma votação criada no site *Retalhos Históricos de Campina Grande*. A enquete perguntava se o campinense seria favorável a separação de Campina Grande e a criação de um novo Estado, o Estado da Borborema, englobando as cidades satélites da influência campinense a capital seria logicamente

¹ Carlos Magno Macedo (Recife-1972) é um jornalista, conferencista e apresentador de destaque local.

Campina Grande. A votação encerrasse e com mais de trezentos votos² estaria decidido extra oficialmente que seria melhor separar Campina Grande do resto do Estado da Paraíba. A vitória reflete em cada voto favorável a separação a idealização de um sonho que há muito habita no imaginário local, ver a conhecida “Rainha da Borborema” tornar-se uma Capital estadual. Nos comentários da enquete criou-se um campo de luta simbólica. De um lado os defensores do município, do outro, críticos da história que o campinense criou para si e a imagem de uma cidade inexistente se tratando apenas um devaneio local. O segundo lado usa como argumentação a conhecida *estratégia de estereotipização*, apontada por Durval Muniz de Albuquerque: “é um discurso assertivo, repetitivo, é uma fala arrogante, uma linguagem que leva à estabilidade acrítica, é fruto de uma voz segura e auto-suficiente que se arroga o direito de dizer o que é o outro em poucas palavras” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001, p. 20).

Os dois lados, porém não perceberam que não estavam a defender duas bandeiras já há muito tempo rivais, uma de João Pessoa e outra de Campina Grande, mas estavam a defender discursos, um externo e outro interno buscando sua supremacia ao se falar sobre a rebelde cidade separatista, mas deixemos de lado João Pessoa. O protagonismo vem para a Serra da Borborema onde no meio desse planalto sertanejo está encravado o lar de uma rainha, “a Rainha da Borborema” como também um sentimento de apego a localidade que foi cristalizado no discurso e imaginário local que responde por *campinismo* e agrega todos os elementos do ufanismo campinense.

O campinense discursa sobre si e sua cidade de modo superlativo, para ele não há local no mundo que se iguale a Campina Grande e ainda que reclame sobre ela, seus problemas e dividam-se em opiniões se unem em coro quando o assunto é falar e defender a sua cidade dos discursos de estranhos ao município, de qualquer possível “detrator” da imagem que a cidade tem para o residente que por ela se afeiçãoou. Sendo um apaixonado por sua cidade o espírito campinense apegou-se a um conceito que criou para representar a cidade no modo que ele observa na visão de uma cidade idealista que

² A votação termina com 361 votos e 71% de aprovação, totalizando 257 votos favoráveis a criação do estado da Borborema; 23% dos votos são contrários, o que dão 85 votos descontentes e apenas 5% dos votantes, ou 19 votos não saberiam opinar sobre a formação do hipotético Estado.

responde a toda uma série de processos discursivos e imagéticos que falam sobre si.

Deste modo não me interessa mostrar a capacidade da cidade em números, das estatísticas e dos indicadores sociais e econômicos. Percorrerei por este campo, mas tendo em mente que a cidade física será apenas uma ponte para ingressar por outra cidade, *uma cidade miragem* criada pelo “devaneio local”. É sobre esta cidade imaginada que busco investigar, a Campina Grande que me estimulou a por em estudo é a cidade idealizada nos discursos de ordem local.

A Campina Grande que será relatada responde aos devaneios locais de natureza superlativa que permitiram dar um novo sentido ao que seja realmente Grande em tudo que ocorre nos limites deste município. Ingressarei nesse mundo onírico do sonho campinense tentando encontrar os significados que cada imagem-discurso criou agregando em uma massa de representações da identidade local, contudo não irei fixar-me no processo de fabricação da identidade local desde os seus primeiros indícios e serei mais específico no recorte temporal tratando da emergência deste discurso durante os anos de 1973 a 1983, onde Campina Grande sai de sua crise política e econômica que freia os sonhos de progresso atrelados ao desenvolvimentismo e se vê em face de novos desafios que vão requerer um discurso para legitimá-lo. É sobre esta década de transformações que percorrei a uma análise discursiva para desenrolar o emaranhado de tradições e discursos que por intencionalidades e em uma relação de memória e esquecimento uniram-se para reavivar e criar uma nova configuração do *campinismo* e do sentido em ser um filho da assim chamada “Rainha da Borborema” criando foros de verdade ao relatar sobre a cidade ao modo que o campinense observa. Sobre os tijolos de ideias que os discursos dispuseram para a criação da fortaleza Campina Grande protegendo-a sobre os avanços das mudanças que ocorreram no período.

E para auxiliar o desenrolar dessas linhas gerais da análise do discurso que utilizarei dos conceitos relacionados à identidade do sociólogo e teórico cultural Stuart Hall em sua análise sobre as identidades no mundo pós-moderno e a sua concepção para justificar a existência das mesmas como uma ilha de estabilidade em um mundo de transformações constantes e rápidas

aceleradas pelo fenômeno da globalização. Tratarei também de esmiuçar o trabalho do historiador marxista Eric Hobsbawn acerca da invenção de tradições e o papel intencional que esses mecanismos possuem em criar uma força legitimadora de discursos, status e condições existentes pela repetição de símbolos, rituais; mas no estudo sobre o caso campinense ingressarei de modo mais direto pelo que Hobsbawn aponta como *inculcação* de ideias pela repetição para a maior identificação do campinense com o ideal que buscam criar sobre a cidade.

As duas linhas de pensamento, apesar das diferenças com linhas teórico-metodológicas divergentes, entendemos que os trabalhos de Hall e Hobsbawn apontam para um mesmo aspecto quando se trata por entender a formação das imagens que buscam agregar as sociedades um plano nacional dirigido para homogeneizar às mesmas traçando na memória um local primitivo, de origem natural para justificar as atribuições escolhidas que juntas formam o que chamamos de “identidade”. Além de entender os diversos processos que estão por trás da construção ideológica que percorre o discurso da identidade e o acionamento de mecanismos de defesa quando se percebe uma ruptura nesse discurso, de ordem externa ou interna.

Da formação discursiva de Durval Muniz de Albuquerque Jr. acerca da construção do Nordeste para entender a delimitação do discurso campinense para que atinja foros de verdade ao ser pronunciado, ou replicado de forma não crítica, repetitiva dispendo parte criação do *campinismo*; do conceito de *paraibanidade* exposto por Margarida Maria Dias e sua ligação com a cidade que toma e rejeita aquilo que não lhe convém para a formação de si. Das análises quem problematizam Campina Grande nos anos 1960 e 1970 dialogamos com as pesquisas dissertativas de Katiusca Sousa, Joabe Aguiar e Thiago Trindade para compreender a cidade antes do período a ser estudado e no período que vai ocorrendo à crise dentro do município, quais as consequências Campina Grande sofreu com este revés de ordem econômica e política e como elas refletiram na imaginação e discurso campinense sobre si no cenário nordestino excluindo, adotando e buscando ressignificar os adjetivos que vão de acordo com seu novo processo de identificação municipal.

Todos esses estudos nos auxiliaram ao debater sobre dois campos da linguagem constituidora do *campinismo*, e dentre todas as variadas alternativas desse muro formador da identidade campinense os tijolos discursivos do campo poético e do campo jornalístico atraíram minha atenção perante as demais pelo trabalho que terei de dedicar. O primeiro campo discursivo pelo seu tratamento ao município tornando a musa cidade “Rainha da Borborema”, desta cidade que está estampada nas declamações de autores, ora conhecidos, ora anônimos que deixaram em cada estrofe sua marca na formação do *campinismo*. Para tanto irei me utilizar como principal obra a ser pesquisa o compêndio de poemas e músicas *Inventário lírico da Rainha da Borborema: 150 anos de poesia* organizado pelo historiador, escritor e jornalista Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio em parceria com o poeta e ensaísta José Edmilson Rodrigues no aniversário de sesquicentenário de emancipação da cidade, escolhendo as obras que foram publicadas no período descrito do trabalho.

E o campo jornalístico pelo que tem se mostrado como grande fonte de pesquisa da historiografia, além do estímulo que recebi ao ler as dissertações acima citadas nas possibilidades a encontrar na linguagem da imprensa o *campinismo* mais trajado de elementos pragmáticos assim como uma identidade travestida com os seus adjetivos superlativos estampados em seus quadros, artigos e colunas sobre Campina Grande. Das várias vozes, e quais dessas vozes contribuem mais para a formação desta identidade? Os políticos e colunistas ajudaram a construir este *campinismo*? De opiniões disfarçadas ou no apoio descarado ao município utilizarei o *Jornal da Paraíba* como exclusiva fonte de acesso aos discursos de apoio local e formação ideológica.

Para tanto, o trabalho foi dividido em três capítulos com seus objetivos específicos demarcados. No primeiro capítulo tratamos da situação do município tanto nos dias atuais bem como no período delimitado abrangendo os aspectos socioeconômicos e a possibilidade que o *campinismo* encontrou enquanto processo discursivo para expressar e falar sobre si no período. Os outros dois capítulos irão aprofundar-se no conceito de *campinismo* com relação às linguagens do campo poético e jornalístico, com suas especificidades e como elas puderam estruturar o ideário local neste momento de pós-crise. O segundo capítulo trará a Campina Grande idílica, a cidade que

serve de musa para o artista que acaba por expressar sua paixão por ela e como falam sobre a cidade diante dos poemas e de suas metáforas para expressar a paixão, ou mesmo a irônica vida local e quais atributos entre eles podem ser ligados para uma repetição maior de símbolos relacionados à cidade. Por fim o terceiro capítulo abordará a linguagem dos jornais e sua produção do discurso de identidade local, não tratarei do discurso que informa, mas daquele que forma, opina favoravelmente sobre a cidade que elenca atributos e inflama no leitor o sentimento de cidadania para com sua localidade.

CAPÍTULO I

CAMPINA GRANDE EM PERSPECTIVA: GEOGRAFIA, POLÍTICA E ECONOMIA DA CIDADE NA DÉCADA DE 1970

Campina Grande, cidade localizada no interior do estado da Paraíba, na região agreste no planalto da Borborema a 555 metros acima do nível do mar com território atual de 594,182 km quadrados e população de 405, 072 habitantes³. O município esta localizado a 112 quilômetros da capital da Paraíba, João Pessoa, e é a segunda cidade em importância econômica e populacional do estado.

Campina Grande é a cidade central da região metropolitana de nome homônimo ao município que engloba vinte e sete cidades do entorno e um dos grandes polos industriais, comerciais e políticos do interior da região Nordeste. A cidade também é reconhecida a nível nacional e até internacional pelos atributos de “cidade do maior São João do mundo” devido aos festejos juninos que são comemorados na cidade; um dos grandes polos tecnológicos do mundo de acordo com a revista norte americana “NewsWeek”, *high tech city*⁴ e “cidade universitária” pelas dezesseis instituições de ensino superior⁵, sendo um dos grandes polos de educação superior a nível nacional.

Sua origem tradicionalmente remonta a formação de um aldeamento de índios capturados em 1697⁶, por obra do sertanista Teodósio Oliveira Lêdo⁷. Devido a sua privilegiada localização geográfica no ano de 1769 passa a categoria de freguesia e a de Vila em 1790 com o nome Vila Nova da Rainha. Em 1864 a vila obtém sua emancipação da cidade de São João do Cariri

³ De acordo com o recenseamento do IBGE 2015.

⁴ Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI142974-15224,00-OASIS+HIGH+TECH+NO+AGRESTE.html>

⁵ Disponível em: <http://jogosdigitais.cesed.br/campina-grande/>

⁶ No campo da historiografia atualmente existem divergências quanto ao ano específico da formação da cidade e do papel de Teodósio Oliveira Ledo como seu fundador.

⁷ Teodósio Oliveira Lêdo (1650-1731 ou 1732) Foi fundador de várias aldeias e povoados enquanto desbravador do sertão brasileiro e sertanista. Foi Capitão-Mor das fronteiras dos Piranhas, Cariris e Piancós e participante ativo da então Guerra dos Bárbaros entre portugueses contra Tapuias rebeldes.

passando a ser chamada de Campina Grande. A jovem urbe conheceu um surto de crescimento propiciado tanto pela localização da cidade como ponto de passagem e pousada entre o litoral e o alto sertão, a feira municipal – há muito estabelecida, então conhecida como feira central- e com ciclo do ouro branco, algodão, possibilitou o primeiro reconhecimento internacional da cidade por ser o segundo maior entreposto comercial de algodão do mundo, passando a ser conhecida como a “Liverpool brasileira”⁸ possibilitando a entrada de elementos modernos na cidade, como o telegrafo – este vem para a cidade já em 1896- trem e energia elétrica nas primeiras décadas do século XX (CABRAL, 2009, p.46). Após o fim do ciclo do algodão Campina Grande passa a solidificar seu poderio comercial para o interior do Estado da Paraíba e estados circunvizinhos onde até a década de quarenta do século passado passou a dominar o campo econômico estadual com enormes somas de tributos arrecadados na mesma.

O progresso após a década de cinquenta passou a obedecer outros ditames já que os administradores da cidade buscavam outros meios econômicos para o contínuo progresso econômico do município. Deste modo Campina Grande passa a ter seu avanço econômico ditado pelas normas do desenvolvimentismo industrial, solução posta em voga desde o governo JK e a concepção cepalina referente ao problema de modernizar o nordeste (CITTADINO, 2006) que buscava trazer fundos para a economia da cidade através de indústrias que fossem instaladas aqui, mantendo com esta política econômica até o início da segunda metade do século XX a cidade como primeira em arrecadação fiscal e importância econômica no estado.

Além do mais, os administradores locais buscavam para Campina Grande não somente o desenvolvimento econômico que transformaria novamente a economia da cidade, mas um ímpeto que ainda existe nos corações campinenses “a solidificação de Campina Grande como maior centro econômico do interior nordestino” (TRINDADE, Pg. 42, 2012).

O surto desenvolvimentista que trouxe inúmeras fábricas para a cidade foi um sucesso durante alguns anos devido aos investimentos de capital local,

⁸ A maior cidade exportadora no período foi justamente a Liverpool inglesa.

estadual, advindos do governo de João Agripino⁹ e também da SUDENE, tanto que a atividade industrial campinense na década de 1960 foi a maior do estado (CITTADINO, 2006), sendo líder inclusive no que se refere à busca pela implantação do modelo desenvolvimentista em toda a região do nordeste onde “Campina Grande indiscutivelmente estava um passo a frente de muitas cidades no interior nordestino, ditando normas e criando modelos a serem copiados, característica que paulatinamente foi se distanciando desta cidade” (TRINDADE, 2012, Pg. 94)

Contudo este surto de crescimento foi encontrando entraves e decrescendo cada vez mais devido a reviravoltas de caráter político e econômico ocorridos no cenário nacional. Apesar de estar ocorrendo no período o “milagre econômico” dos governos militares Campina Grande não faz sentir tão fortemente este crescimento da economia nacional, pelo contrário, as mudanças ocorridas no período foram as que resultaram na mudança do poder econômico estadual que vai gradualmente de Campina Grande para João Pessoa. A primeira reviravolta ocorreu no período que compreende os governos militares como principais os articuladores de uma política centralista que auxiliaram a Capital da Paraíba, e primeira rival da cidade de Campina Grande, a ser realmente a capital de cunho administrativo, populacional e econômico do estado algo que fora dividido entre os dois municípios por boa parte do século XX.

A primeira afirmação pode ser vista de bom modo na dissertação de Thiago Trindade, intitulada *Do desenvolvimentismo ao alinhamento à conduta militar: as peripécias da política campinense (1963-69)* do ano de 2012, onde na sua análise sobre o modelo desenvolvimentista industrial que Campina Grande segue nos anos de 1960 há duas fases bem distintas, a primeira que se inicia com a vinda de recursos e industriais na cidade devido ao capital acumulado dentro do município e juntamente como apoios advindos de instituições voltadas ao desenvolvimentismo a exemplo da SUDENE e o boom industrial na cidade que foi modelo a ser seguido por outros municípios dentro da região Nordeste, e a segunda fase que se dá pela saída dessas indústrias

⁹ João Agripino de Vasconcelos Maia Filho (1914-1988) foi um importante político paraibano, adquirindo várias legislaturas como Deputado Federal, uma como Senador, e como Governador da Paraíba no período de 1966 a 1971 filiado ao partido ARENA.

da urbe campinense e partem para outros locais esvaziando a economia campinense que vai passar por dificuldade devido aos investimentos centralistas do governo federal empurrando Campina Grande pouco a pouco para o segundo lugar no que tange a poder econômico no estado (TRINDADE, 2012). É neste segundo momento que a liberdade a nível local de Campina Grande vai sendo sugada pelo centralismo, pois “as empresas campinenses de capital misto também tiveram um destino nefasto, pois foram (com exceção da CELB) absorvidas por empresas de abrangência estadual, sediadas na capital João Pessoa” (TRINDADE, 2012. P. 96); essas empresas citadas por Trindade (2012) foram a SANESA (saneamento de Campina Grande S/A) e a TELINGRA (telecomunicações de Campina Grande).

O desabastecimento das empresas locais de serviços citadas anteriormente, criadas justamente para atender as demandas do desenvolvimentismo no que se refere aos abastecimentos de serviços essenciais para a indústria e que em suma possuíam uma boa atuação dentro de seus respectivos papéis também deram um impulso a parada da economia campinense frente a João Pessoa (TRINDADE apud LIMA, 2012). Outro fator, apontado por Maria José Silva Oliveira reflete no caso do desenvolvimentismo, antes pauta primária para o crescimento econômico regional e nacional torna-se com a chegada dos militares algo para ser cada vez mais deixado de lado prejudicando assim os intentos da cidade com relação à atração de indústrias e o pensamento político municipal que via com bons olhos a industrialização (OLIVEIRA, 2005).

No lado econômico esta saída de indústrias e a reviravolta que a cidade enfrentou nos anos pós 1965 se dão além da modificação e transferência de investimento dos governos a nível federal e de seus objetivos relacionados a economia como pode ser apontado, também por uma decadência natural do sistema econômico vigente na cidade com uma quebra das indústrias tradicionais dedicadas ao beneficiamento e manufatura de produtos primários, como a indústria têxtil e de sisal campinense relacionadas a decadência da produção dos produtos primários que abasteciam este mercado industrial (CARDOSO, 2002).

Um simples explicativo da mudança de apoio econômico e sua força na mudança das duas cidades pode ser visto no quadro comparativo a seguir mostrando um maior avanço da capital frente a Campina Grande no que se refere ao número total de habitantes que as duas sofrem nos decênios de 1960/1970/1980. Nesta tabela é notável o crescimento exponencial da população residente de João Pessoa no decênio que vai de 1970 a 1980 a um aumento de pouco mais de 50% da população original, enquanto que Campina Grande arrebatou um aumento de 50 mil habitantes, pouco mais que 25%, diferente do período que vai de 1960 a 1970 onde a população campinense aumenta em cerca de 70% e a pessoense de apenas 43%.

QUADRO 1: CRESCIMENTO POPULACIONAL EM CAMPINA GRANDE E JOÃO PESSOA

Localidade	1960	1970	1980
Estado	2.000.851	2.384.615	2.772.600
Campina Grande	116.200	197.802	247.964
João Pessoa	155.117	228.418	338.629

Fonte: <http://www.ibge.gov.br> IBGE - Censo Demográfico, 1960/1970/1980 (* contagem populacional).

No período dedicado a análise da condição política do Brasil a nível federal é bastante conhecida pela atuação dos governos militares após o golpe de 1964 onde é estabelecido o bipartidarismo com a atuação da ARENA (Aliança Renovadora Nacional) e o MDB (Movimento Democrático Brasileiro). A liberdade política é cessada e os atos institucionais dos governos militares, como amplo destaque ao AI-5, possibilitaram além do regime de caserna a rápida mudança de governos vistos como contrários ou mesmo críticos a chamada “Contrarrevolução de 1964”. Campina Grande que em um primeiro acreditou nas propostas militares de entrega da ordem democrática em um ano (OLIVEIRA, 2005) viu-se em meio a outro fator preponderante para o

arrefecimento de sua economia aonde no curto espaço de nove anos, que vão de 1964 a 1973, a cidade vê no executivo municipal a entrada e saída de sete prefeitos, dos quais dois foram retirados de suas funções – Newton Rique¹⁰ e Ronaldo Cunha Lima¹¹- e a atuação de dois interventores federais – Manuel Paz de Lima¹² e Luiz Motta Filho¹³. Deve-se notar que as intervenções locais partiram em governos ligados a classe industrial e ao projeto desenvolvimentista como mote principal dos investimentos e do discurso dos governos Newton Rique e Ronaldo Cunha Lima, os desenvolvimentistas foram duramente reprimidos pela política militar, pois para esse grupo o projeto de desenvolvimento industrial só teria andamento com “a negação de toda política econômica que até então estava sendo implementada pelos militares tanto a nível local como regional” (OLIVEIRA, 2005, p. 76).

Esta inconstância política tem fim em 1973 com as eleições pelo executivo municipal onde a cidade finalmente ajusta-se de vez ao projeto político do então regime que no período passa a pouco interferir na vida política da comuna.

Assim durante os dez anos que dedico a analisar, indo de 1973 a 1983 existe a atuação de dois prefeitos, o primeiro governo é de Evaldo Cavalcanti da Cruz que governa Campina Grande durante os anos de 1973 a 1977 e o segundo governo do reconhecido político local, Enivaldo Ribeiro que percorre os anos de 1977 a 1983. Os dois foram eleitos para o cargo de prefeito vencendo com a legenda do partido ARENA, aliado direto dos governos militares, contudo a vitória da legenda da ARENA nesse momento não mostrava o real sucesso do partido no seio da sociedade campinense devido a dois fatores preponderantes. O primeiro fator é que a ARENA sempre foi um

¹⁰ Newton Rique assumiu o cargo executivo da prefeitura durante sete meses até ser deposto pelo regime militar, no período que vai de 30/11/1963 à 15/06/1964.

¹¹ Na sua primeira passagem pelo executivo municipal, o então prefeito Ronaldo Cunha Lima permaneceu apenas dois meses, no período de 31/01/1969 à 13/03/1969.

¹² O então interventor Manuel Paz de Lima, nomeado pelo governo de Emílio Garrastazu Médici, teve uma passagem muito rápida como interventor local indo de 14/05/1969 à 15/07/1970, aonde teve de renunciar ao cargo já que não obteve apoio populacional, nem mesmo político sendo inclusive alvo de críticas entre os vereadores da ARENA que eram contrários a sua forma de governo.

¹³ Tomando o posto de interventor municipal no período de 15/07/1970 à 31/01/1973, Luiz Motta Filho tornou-se o substituto do pouco desejado Manuel Paz de Lima. Na dissertação de Kelly Kátiusca, intitulado *Sonhos urbanos: o parque do açude novo e a (re) construção da alma campinense* (2014), a autora atribui ao interventor Luiz Motta além da preocupação com a administração local a tentativa de reavivar o espírito local abalado durante a crise que Campina Grande tivera de enfrentar.

partido dentro da cidade fraturado, com rivalidades e facções distintas que acabaram por minar parte da popularidade do partido em que se observam nas eleições de 1972 onde o comentarista político William Tejo¹⁴ em sua coluna *Aqui, política* afirma que “a luta não foi entre a ARENA e o MDB, fato que teria ocorrido se não existisse a sublegenda. Foi, e isso sim entre duas facções da ARENA” (JORNAL DA PARAÍBA, 9 de maio 1973, p. 2). Além deste fato o partido estava neste nível de fratura por falta de uma liderança forte para conter as fraturas do partido onde o deputado estadual Orlando Almeida¹⁵ afirma:

Há muito tempo que digo que a Arena de Campina Grande é um corpo sem cabeça. É incontestável que o grande líder popular Severino Cabral deixou no seio do partido governista um vazio impreenchível. Com seu desaparecimento a Arena perdeu todos os seus vínculos de popularidade (JORNAL DA PARAÍBA, 17 de jun 1976, p.3).

Esta fragmentação da ARENA também foi aproveitada pelo MDB que manteve pelo menos nos anos dedicados a análise uma coesão distinta da ARENA com a liderança centrada entorno do político Argemiro de Figueiredo “O MDB, pequenino e atrevido, conta com um chefe que vai aproveitando as ‘mancadas’ do gigante arenista” (JORNAL DA PARAÍBA, 9 de maio 1973, p.2). Criando oportunidades de derrubar o partido rival o MDB ainda tendo se mantido fiel ao plano desenvolvimentista da cidade que fora no período bastante atrativo para a população local em vista do progresso que experimentaram no período que o desenvolvimentismo foi efetivamente aplicado no município.

Porém apesar da queda no poder econômico e populacional e das mudanças políticas a nível local, a cidade de Campina Grande sofre com uma nova modernização no cenário urbano decorrente da política militar de maior investimento na modernização das cidades (OLIVEIRA, 2005), esta nova modificação teve os mesmos ares das modernizações que a cidade sofreu em

¹⁴ Nascido em São João do Cariri em 1919 William Ramos Tejo foi um dos mais conhecidos jornalistas da cidade devido à suas publicações de ordem política ou cultural e sua passagem no três jornais que circulavam no município, *Jornal da Paraíba*, *Diário da Borborema* e *Gazeta do Sertão*; também foi professor e teve ampla participação na vida cultural campinense. Faleceu no ano 2000 aos oitenta e um anos.

¹⁵ Orlando Augusto César de Almeida (1927-2002) foi um político campinense, filho do ex-prefeito Elpídio de Almeida e vice-prefeito de Campina Grande na chapa liderada por Ronaldo Cunha Lima em 1968.

épocas anteriores, a exemplo do “bota abaixo”¹⁶ empreendido na década de quarenta do século passado, só que ao contrário do que o interventor do período Vergniaud Wanderley, ensejando ver a não tão somente a modernização da cidade aos traços racionais do que uma moderna cidade deveria representar, mas em pano de fundo a possível transferência da Capital administrativa de João Pessoa para Campina Grande. Essa nova modernização que o município sofre com seus mesmos traços já experimentados pelo “bota abaixo” inicialmente pelas mãos dos já citados interventores federais e que é continuado nos governos aliados do regime militar ao longo da década de 1970, obedece aos tons tecnocráticos e relacionados à ordem e hierarquização da cidade que estavam em pauta nos governos militares (OLIVEIRA, 2005); além da busca por disciplinar os corpos locais pela demolição do que seria indesejado na formação de uma moderna cidade nos traços militares (SOUSA, 2014). Esta nova busca, portanto obedeceria não mais ao princípio ufanista que o campinense sempre almejou de trazer a Capital da Paraíba para sua cidade, se sujeita a ser iniciada e continuada por outras forças, externas ao poder municipal.

Com uma diferença notável em que o capital que será usado na obra não será tão somente o de Campina Grande como ocorreu na época do desenvolvimentismo, mas “a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) entrará com uma parcela considerável na formação de uma nova acumulação e, por conseguinte, de uma nova configuração espacial da cidade.” (CARDOSO, 2002, Pg. 45). Este capital inserido na urbanização e modernização da cidade tem por conta ações a nível local e até mesmo federal ocorridas em planos e organismos de desenvolvimento como o II PND¹⁷- Plano Nacional de Desenvolvimento- e a própria SUDENE.

O PND em especial buscava dinamizar as metrópoles regionais e cidades de porte médio da região com a melhoria de vida das populações

¹⁶ Movimento de ordem política e urbanística, liderado pelo então interventor da cidade, Vergniaud Wanderley, onde na administração municipal durante seu segundo mandato (1940-1945) buscou uma reforma urbana no centro da cidade, onde foram destruídos vários símbolos do antigo e colonial como o Paço municipal, a Igreja do Rosário e inúmeras casas de populares e até mesmo da elite local para modernizar a cidade no que se refere ao plano urbano.

¹⁷ O II PND foi um plano de desenvolvimento econômico ocorrido entre 1974 e 1979 que passava por incentivos fiscais e melhorias das condições das cidades para possibilitar seu crescimento mais acentuado, contudo o projeto só teve real efetivação durante os últimos anos do regime autoritário civil-militar no governo de João Batista Figueiredo.

periféricas a partir da criação de moradias populares e da infraestrutura da cidade e apesar desses planos terem tido sucesso em vários pontos, como o caso da vinda de indústrias novamente a cidade e a criação de bairros populares ela poderia ter sido bem mais desenvolvida se não fosse “as dificuldades decorriam em boa parte dos critérios e das decisões centralizadas do Estado autoritário” (CARDOSO, 2002, Pg. 47).

Outros órgãos, a respeito da COMDECA- Companhia pró-desenvolvimento de Campina Grande- e o PDLI- Plano de desenvolvimento local integrado- também estavam presentes no novo traço urbanístico da cidade que buscavam não apenas modernizar Campina Grande, mas também devido as suas características na década de 1970, o maior município do interior do nordeste e sua localização entre as capitais “Campina poderá funcionar como ‘barreira de contenção’ das migrações que se dirigem a Recife e Fortaleza” (JORNAL DA PARAÍBA, 29 de Nov 1973, p.4).

Porém esta nova modernização não se reflete devido ao crescimento da cidade como nas décadas de 1950 e 1960, dela advindo de outros fundos exteriores ao de Campina mostram o enfraquecimento econômico que a cidade estava enfrentando frente ao restante do estado e especialmente João Pessoa, tanto que:

Resultado imediato deste processo de evasão das instituições que viabilizavam o progresso de Campina Grande, aliado a Reforma Tributária, foi a decadência econômica que progressivamente se instaurou no município, a qual paulatinamente foi se agravando, em especial com a perda de arrecadação da cidade, e diminuição de repasses do Governo Estadual oriundos do Fundo de Participação dos Municípios (TRINDADE, 2012, p. 96).

Além do mais o quadro da cidade com suas mazelas não diminuíram, a modernização implicou apenas em um novo enquadramento onde as falhas no campo social são jogadas para os bairros populares cada vez mais distantes do centro da cidade durante os anos do regime militar conhecido mostrando a antítese do plano desenvolvimentista que mostra suas falhas no início da década de 1970 e dos projetos de urbanismo local que ainda rodeava o imaginário popular da cidade, a entrada de grandes indústrias com auxílios fiscais, mas a falta de melhoria na qualidade de vida da população local.

Esta nova realidade que pairou sobre a “Rainha da Borborema” foi um evento escalonado, crescente e que alterou a forma de visão que os próprios campinenses tinham sobre sua cidade e a realidade que ele enfrentava no momento e foram criados na crise econômica novos discursos em uma identidade que há muito havia sendo construída, a identidade do campinense e de sua cidade vista por ele mesmo. Como bem foi afirmado no Jornal da Paraíba no período “Campina Grande emergiu de um período de depressão, não só econômica, bem como psíquica. Tudo indica que a segunda foi uma variável dependente da primeira” (JORNAL DA PARAÍBA, 25 de mar, 1973, p.2).

O *campinismo*, sentimento de bairrismo característico dos habitantes de Campina Grande e enquanto movimento de identidade local adquiriu vários atributos ao longo do tempo em um processo de acréscimos e decréscimos a identidade local pode ser fomentada numa clara construção de discursos e imagens sobre o que é Campina Grande e seu povo. Esses atributos que foram constituídos em grande parte durante o pujante período da primeira metade do século XX com as transformações que a cidade enfrenta em cada ciclo econômico do período inicialmente pelo entreposto comercial de algodão que possibilita a cidade adquirir seus primeiros traços de modernidade; e após o fim do ciclo do algodão o continuado progresso da cidade dá-se pelo seu comércio, iniciado pela feira grande – conhecida como feira central da cidade- e após isso a consolidação da mesma como centro de comércio da região durante os anos de 1940 a 1960 (CABRAL, 2009).

É sobre este continuado progresso que o espírito local começa a tomar seus primeiros formatos, os discursos sobre a cidade de Campina Grande ganham vez e voz na construção da identidade local e o orgulho do campinense ao ver o acentuado crescimento da cidade frente às demais onde como aponta Thiago Trindade no período “é inegável a liderança quase que absoluta de Campina Grande no interior nordestino, não apenas pela densidade demográfica, como também, em relação aos setores econômicos exibidos, a hegemonia campinense é plenamente factível” (TRINDADE, 2012, p.32), competindo até mesmo com as capitais dos estados nordestinos no que concerne aos números relacionados aos números econômicos e sociais os

termos como capital do trabalho, que surge durante as décadas de 1940 a 1950, além da capital econômica do interior do Nordeste, do poder de empreendimento do campinense que sempre seria destinado ao progresso demonstram o ufanismo da cidade construído pelo seu vertiginoso crescimento e os empreendimentos que as administrações locais buscam fazer para a cidade, que obtém a alcunha de cidade universitária na década de 1960 devido a criação da URNe¹⁸- Universidade Regional do Nordeste. Campina Grande passa a receber esses títulos dado por seus próprios filhos nas variadas linguagens a respeito da música, poesia e jornais atingindo o mais alto grau de ufanismo e sentimento de identificação com a sua comuna durante os festejos do centenário da emancipação política da cidade em 1964 (AGUIAR, 2014), onde buscam traçar para si a construção do ideal progressista e desenvolvimentista que Campina Grande sempre deveria possuir desde sua constituição com o sertanista Teodósio Oliveira Ledo até seu discurso consolidado como Capital e locomotiva do progresso do interior Nordestino.

Contudo, diante do máximo orgulho e progresso que a cidade liderou por décadas no Estado da Paraíba vem à crise política e econômica, é neste período que se percebe o arrefecimento do espírito de identidade local assim a construção da identidade local nas décadas de 1970/1980 não passa a obedecer aos padrões relacionados com os períodos anteriores ela passa a receber outros ares discursivos. As realidades a nível local e regional modificam-se, a história do passado de glórias da “Rainha da Borborema” vai cada vez mais se distanciar e o esfacelamento desta realidade está sendo nitidamente constatado já que em dez anos, de 1964 a 1974 a prosperidade proferida pelo desenvolvimentismo foi posta por água abaixo. Foi sobre o cadáver do progresso e a nova realidade que os campinenses puderam erguer uma nova força ao ideal campinense, pois como afirma Stuart Hall: “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da

¹⁸ A Universidade Regional do Nordeste foi uma instituição de ensino superior criada pela lei municipal Número 23 de 15 de maio de 1966, no então governo do prefeito Williams Arruda como então uma autarquia municipal de ensino. A bandeira da URNe foi levada a cabo pela imprensa local que buscava evitar o sucateamento da instituição bem como no primeiro momento seu reconhecimento legítimo junto ao governo federal, e após a legitimação como universidade a sua federalização. Por fim, o então governador Tarcísio Burity (1987-1991) sanciona a lei Número 4977 de 11 de outubro de 1987 a estadualização da universidade passando a ser chamada Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

dúvida e a incerteza” (HALL apud MERCER, 2014, p.10). O projeto da revitalização do espírito campinense iniciado pelo então interventor da cidade, Luiz Motta Filho e continuado no governo de Evaldo Cruz buscaram na urbanização da cidade um segundo ganho há muito esquecido em Campina Grande:

A importância maior não era dada aos ganhos materiais e financeiros, enfatizavam-se outros ganhos, algo subjetivo, algo que passava pelo campo da sensibilidade coletiva de toda uma cidade – a restauração de uma percepção de mundo, a restauração de um sentimento comum, a restauração da fé nos destinos e sonhos da cidade. (SOUSA, 2014, p. 65).

A *rainha da Borborema* precisava mostrar que o seu passado de glórias estava vivo, se não nos fatos concretos, mas nos símbolos, na tradição, nos rituais, e mais significativamente nos discursos mostrando que apesar do período mostrar mudanças o interior manteve-se intocado e que o espírito que Campina Grande possuía em décadas anteriores mantém-se, mas com nova roupagem passando assim pela remodelagem de discursos, adquirindo novos significados para dar razão às mudanças em que ela atravessa nesse decênio.

CAPÍTULO II

O CAMPO LÍRICO E O CAMPINISMO: A CIDADE IDEALIZADA EM VERSOS

A identidade passa pela homogeneização discursiva, a reunião dos adjetivos, qualidades e características propagados em discursos para tentar unificar alguma comunidade quer seja a nível local, regional ou nacional retirando as diferenças e pondo em seu lugar um sentimento comum, uma forma de ser característica daquela região assim o chamado inglês comum ou a “inglesidade” são frutos de discursos e rituais elegidos como símbolos da cidadania inglesa. Assim o sentimento de amor à cidade de Campina Grande só pode ser expressamente sedimentado no imaginário popular se os vários discursos que a adjetivavam deste modo a cidade lírica e artística de Campina Grande foi declamada, cantada e versada em inúmeras obras expressas de amor a cidade. Foram elas que puderam auxiliar criação de uma identidade mais sólida para a conhecida cidade do progresso se enquadrando nas tradições inventadas apontadas por Eric Hobsbawn que são elementos “de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição” (HOBSBAWN, 2015, p.8).

A Campina Grande traçada na poesia tem uma característica comum a todos os trabalhos aqui apresentados, a cidade não sofreu nos trechos em que é louvada pela crise que abalou a cidade no final da década de 1960. Neste vasto campo de linguagens tudo permaneceu em seus contornos gerais da maneira que o local foi trabalhado como um ambiente calmo, resplandecente e convidativo assim como as águas do açude velho de outrora. O campinense também trata por trabalhar a sua amada cidade no retrato de sua paixão idealizada, assim Campina Grande toma as formas de uma mulher sedutora, de corpo belo e olhar cativante tem os traços femininos que acabam por dar um ar especial para aqueles que buscam declamar mostrando o município não como uma simples mulher, mas aquela da nobreza que os homens vêm a seu encontro na sacada de seu quarto cantar baladas de amor a ela. O amor cortês campinense para com sua cidade toma a comparação como herética e se o

feita apenas mostrará o que já se sabe, a superioridade de sua cidade frente as demais, ela brilha sobre as demais e explicasse por si só. Estas afirmações gerais irão dar os contornos principais por onde cada obra aqui analisada tem sobre a Campina Grande idealizada, onde algumas obras usam mais constantemente um ou vários atributos dos elencados acima.

E ainda que o principal material de recolhimento do campo poético que está a ser esmiuçado neste presente trabalho vem do já citado livro *Inventário lírico da Rainha da Borborema: 150 anos de poesia*, contudo deixarei o primeiro espaço a ser trabalhado pelos achados de ordem poética, encontrados entre as páginas do JPB e mesmo que tenham sido costumeiramente separado em dois capítulos e que o tratamento que cada uma das linguagens utiliza em regra para a formação da identidade local tenha suas diferenciações existe uma união revelada nos jornais na década de 1970, os periódicos também trouxeram o campo lírico para falar da cidade. Deste modo o campo jornalístico pode oferecer várias facetas da identidade local e apesar de que o tratamento dado aos jornais esteja disposto no terceiro capítulo estão aqui dois discursos de ordem poética relacionados à cidade encontrada nos periódicos. O primeiro poema de autoria de Antônio Mangabeira¹⁹, lançado no Jornal da Paraíba em 23 de março de 1978. Intitulado de *Exaltação a Campina Grande* e trazem em sua curta constituição algumas considerações sobre Campina Grande, sua obra foi publicada em um período distante do aniversário da cidade momento onde o *campinismo* aflorou e aflora em sua máxima potência nos corações campinenses.

Já desferi, na prosa meus cantares
 A ti, Campina Grande de belezas,
 Relicário de riquíssimos colares
 Ostentas oferendas singulares,
 Entronizadamente nas altezas
 Resplendes como lâmpadas acesas
 Orlando sacratíssimos altares
 Era o pendão das glórias de teus filhos,

¹⁹ Apesar de que o trabalho tenha continuidade com uma pequena biografia dos autores aqui inseridos em suas considerações sobre o município não pude encontrar na presente pesquisa informações concretas sobre o autor desta primeira obra.

Campinenses ilustres, cujos brilhos,
A História fará com traços mil,
Brasília, Canaã de tanta gente!
Proclama. Venturosa o teu presente
Ó princesa risonha do Brasil
(MANGABEIRA, 1978, p.2)

Não fugindo do primeiro movimento que assume ao intitular o poema Antônio Mangabeira não poupa esforços para exaltar Campina Grande, o autor lança mão de uma mistura de adjetivos superlativos para justificar a posição da cidade, o exemplo mais claro se dá pelo uso do segundo nome da cidade em claro adjetivo a sua condição, Grande magnânima, transcendental é assim que a cidade imaginada deve ser retratada, o bairrismo local age deste modo buscando tornar no seu discurso lírico sobre a cidade em algo único. O curto poema continua em seu trabalho destacando ainda mais o município e a importância que tem diante de seus habitantes, brilhando como uma rara joia de valor inestimável para seus filhos, filhos estes que reluzem em glória por conta de sua cidade trazendo a questão da naturalidade, da essência campinense destacada neste pequeno trecho onde sobre o alto de seu trono Campina Grande distribui de modo prometeico o fogo do progresso para todos que lhes juram amor e fidelidade, e ainda que Antônio Mangabeira no final de seu poema não tenha dado o título a que a cidade tem de reconhecimento de rainha ele dispõe o título de uma princesa, doce e mais amena do que em outros discursos líricos produzidos para a “Rainha da Borborema”.

Continuando o movimento do trabalho de Antônio Mangabeira no que se refere à exaltação ao município o segundo trabalho que fora encontrado no campo jornalístico, mas que segue a linha do discurso poético é intitulado *Ode a minha cidade* de autoria de Wilson Maux²⁰, publicado no JPB em 10 de outubro de 1976, as vésperas do aniversário de emancipação política da cidade, respeita as normas gerais quando o assunto será falar sobre Campina Grande em tons de maior aclamação e louvor e particularmente neste período de festejos para a exaltação do espírito campinense. Sua poesia traz um

²⁰ Nascido em Recife - PE e reconhecido especialmente na cidade de Campina Grande pela apresentação do programa de rádio “Desperta, Campina”, Wilson Silva Maux (1937-2011), foi um importante radialista e jornalista da cidade tendo atuado também com atividade teatrais como ator ou diretor. Faleceu em Campina Grande.

grande discurso sobre a cidade. Em suas primeiras linhas Maux traz a questão do aniversário da cidade e que por este fato é louvada por um sem número de vozes.

Ouçõ de longe o cantar de mil vozes:
Parabéns Campina em seu aniversário!
E as vozes se confundem
com cânticos de pássaros
(MAUX, 1976, p.2)

Essas vozes que se confundem refletem a memória que os cidadãos daquele período possuíam sobre a cidade em sua constituição primária, levada a cabo pelo relinchar das mulas guiadas pelos tropeiros que gritam para por ordem a sua tropa de bestas, ao comércio da feira grande, a busca pela água dos viajantes em busca de descanso nesta paragem de tempo e os sons da natureza que entrecruzava a cidade e seus arredores. Contudo há uma mudança e essas vozes vão sendo silenciadas e que após algumas linhas o autor relata em tom de dúvida.

Será que todas as vozes se calarão, minha cidade?
Sobrarão apenas as incômodas bocas gritando
Eletronicamente
Irritantes
(MAUX, 1976, p.2)

As vozes são caladas pela transformação da cidade de um pequeno lugarejo a barulhenta metrópole que os seus cidadãos assumem como real condição do município e que passa a silenciar todos os elementos do antigo diante do progresso. A bênção maldição de Campina Grande é acionada num claro processo de construção desconstrução com o município obedecendo a seu movimento primário devendo esquecer o antigo e não mais utilizável em apoio ao principio capitalista, a cidade devora-se para abrir caminho a modernidade trazendo, porém o fardo do progresso de Campina Grande em não ser o local estático da memória presente em obras de concreto e cal, restando apenas a cidade memória só podendo ser acessada como aponta o autor nos versos dos poetas em suas declamações sobre a cidade “Você sobrevive, minha cidade, nas vozes roucas dos poetas Zé Goncalves, João

Marinho, Asfora, Ronaldo, Dedé da mulatinha e Colombita e que para viver lustra sapatos” (MAUX, 1976, p. 2).

O sentimento de saudade toma voz nos versos de Maux em busca por aquele passado que pode ser tocado e revivido mais uma vez quer seja no sentimento pessoal ou no plano coletivo. Este sentimento coletivo poderia se desdobrar em várias explicações, mas quando declamados chegam de modos diferentes ao ponto dos sonhos voltarem a rever a locomotiva do interior do Nordeste voltando chefiar o progresso novamente de toda uma região.

A saudade também pode ser um sentimento coletivo, pode afetar toda uma comunidade que perdeu suas referências espaciais ou temporais, toda uma classe social que perdeu historicamente a sua posição, que viu os símbolos de seu poder esculpidos no espaço serem tragados pelas forças tectônicas da história (ALBUQUERQUE JR, 2001, p. 65)

O campinense assume sua faceta nordestina, tem saudade dos tempos de outrora quer a cidade imutável de suas lembranças de volta, mas como todo apaixonado fica dividido querendo o antigo, mas também o novo e cabe a sua Rainha escolher o que sempre lhe foi dado como atributo natural quase que divinamente e segue em direção ao progresso esquecendo-se do seu passado rumo ao futuro e não resta ao campinense que anseia na memória por uma Campina Grande mais jovem a saudade, e relutantemente segue a sua cidade olhando para trás. Mas Campina Grande não está calcada no sentimento da saudade derrotista ou mesmo de um local de tradições imutáveis como o Nordeste é retratado, o campinense reconhece que não existem meios de parar a locomotiva do progresso do interior nordestino e naturaliza que a cidade deve-se modificar constantemente no que Stuart Hall fala sobre essa ambiguidade, entre o passado e o futuro, isto se deve as construções relacionadas a identidade da cidade “Ele constrói identidades que são colocadas, de modo ambíguo, entre o passado e o futuro. Ele se equilibra entre a tentação por retornar as glórias passadas e o impulso por avançar ainda mais em direção a modernidade.” (HALL, 2015, p. 33).

Maux, porem finda sua poesia trazendo outra característica da cidade que não este campo da saudade “Para te exaltar. Campina. Mulher homem. Cangaceira santa. Minhas lágrimas te saúdam, neste aniversário, minha eterna amante. Campina maior” (MAUX, 1976, p. 2). Seu amor à cidade tem destaque

final assumindo inúmeros atributos por vezes contrários, o autor trabalha com a questão feminina da cidade em inúmeras facetas de modo direto, a cidade tem a forma definida de mulher, da mulher que é Campina Grande. A mulher macho, cangaceira santificada, o primeiro amor do campinense que captura os signos da paraibanidade, uma rebelde impávida que sempre luta pelo que é de seu direito, por fim ele transparece a figura da mulher apaixonante, a questão da “macheza” da mulher paraibana na música de Luiz Gonzaga e de sua bravura frente as dificuldades (DIAS, 1996).

Os dois poemas abordam a questão feminina da cidade em suas várias apresentações, a sua valentia, sua atração, sua doçura e a face feminina da cidade apresentada em uma ou outra atribuição devido à situação que for a convocar deve-se a seu conceito muito generalizado. Ainda que alguns atributos da cidade relacionados à sua feminilidade sejam mais destacados do que outros não se foi prontamente fechado o conceito, pois o conceito de associação à cidade no seu ideal não poderia ser assim feito de acordo com os atributos de identidade generalizados e vagos, a associação tem de ser rápida a Campina Grande, (HOBSEBORN, 2015); este tipo de má definição dos atributos relacionados ao conceito de identidade local devem-se pela construção discursiva que busca atrelar a todos os segmentos sociais uma identificação universal em uma massa que mesmo com diferenças gritantes passe a reconhecer entre si um sentimento de igualdade e do compartilhar de sentimentos²¹.

Mas essas aclamações teriam sua antítese, um contraponto nos elogios tecidos a cidade que foi expresso no poema de Bráulio Tavares²², retirado do *Inventário lírico da Rainha da Borborema: 150 anos de poesia* e intitulado de *o país em cima da serra*, lançado no ano de 1980 no livro, *Balada do Andarilho*

²¹ Tudo isto apenas foi possível, como aponta Hobsbawn, pela mudança das sociedades que sofreram um processo de industrialização abolindo as antigas organizações sociais antes ligadas totalmente a tradições de ordem hierárquica e coercitiva passando a ser uma massa fluída de diferentes classes sociais em constante luta e com diversos interesses a serem defendidos pelas mesmas.

²² O escritor, poeta, compositor, pesquisador de ficção científica como também de literatura fantástica e colunista de jornal Bráulio Tavares (Campina Grande- 1950), é reconhecido por suas obras tanto no campo literário, a exemplo de “Os martelos de Trupizupi” (2004); “Balada do Andarilho Ramón e outros textos” (1980); como pela criação de letras para interpretes musicais, dos quais se destacam Lenine, Elba Ramalho e Zé Ramalho. Seu trabalho também é voltado aos folhetos de cordel. Atualmente, além de seus trabalhos artísticos mantém o blog “Mundo Fantasma” para preservar os artigos que publicou enquanto colunista do Jornal da Paraíba.

Ramón e outros textos, o autor trabalha com a questão do cotidiano da autodenominada metrópole do interior do Nordeste mantendo-se próximo a cidade problema e longe da cidade imaginada o poema de Bráulio cheira a sexo, violência e bebidas. É um local mais sujo e mais impactante, assim como apontados pelos noticiários policiais sensacionalistas ele vai a uma cidade que foi negada pelas autoridades disciplinares, a Campina Grande de sua poesia não envolve a ode ufanista com que é altamente proclamada, mas sim em um discurso contrário. Abaixo seguem recortes da longa narrativa do seu literário cotidiano sobre a comuna

vagabundos apodrecem vivos depois da hora do almoço
 pessoas apaixonam-se e só então sentem medo de morrer
 bêbado arrebenta com um tiro garrafa na cabeça de outro bêbado
 (...)
 um trem faz sua derradeira viagem ao sertão
 meninos batedores de carteira catam ponta de cigarro
 um baralho manchado de sangue, como prova da promotoria
 gênio incompreendido lamenta estupidez do mundo, e desiste
 (TAVARES, 2014, p.71-73)

Quem tem a primazia do protagonismo dentro do poema é geralmente o personagem marginalizado, a prostituta, os menores infratores, os bêbados, vagabundos. Elementos de uma sociedade que os nega tão veementemente e são associados apenas pela sua condição mais perceptível ao olhar, sendo sujeitos indeterminados de presença constante no dia-a-dia da cidade, contudo Bráulio Tavares apresenta outras figuras no decorrer de sua obra como o turista do sul, o músicos, comerciantes e garçons, cada qual vendendo ou cedendo o que pode para sobreviver ou até simplesmente pelo puro prazer com estes sentimentos de raiva, amor, paixão, prazer e apatia se entrecruzando na formação discursiva de outra Campina Grande.

e cada dia
 o calidoscópico do tempo
 arruma e desarruma de novo
 seus diamantes falsificados
 mas todos se iludem
 felizes, infelizes ou indiferentes

sem saber que o mundo inteiro cabe nesse seu país
porque afinal de contas
tudo.
tudo é sempre minúsculo
(TAVARES, 2014, p.73)

Tudo aponta ao fim em uma imagem de caleidoscópio; o caleidoscópio como objeto conhecido que produz ao observador uma série de imagens multicoloridas e psicodélicas pelo seu movimento interior. Campina Grande é este caleidoscópio de múltiplas imagens, dos falsificados diamantes que encantam, reencantam e trazem até o desencanto pelo movimento interno que a cidade possui em um ciclo de idas e vindas dos sentimentos, das pessoas e dos acontecimentos, assim Bráulio Tavares em um jogo de palavras aponta que o mundo de todos os envolvidos cabe nesse país localizado em cima da serra constituindo uma vida própria em separado das outras cidades do Estado, mas contrapõe com a pequenez de tudo explicando por fim por que Campina Grande se constituía como um país o pequeno país em cima da serra traz a lógica de que Campina Grande explicasse por si.

Ao explorar esta outra imagem da cidade Bráulio Tavares assume inconscientemente uma posição que apenas é velada aos campinenses de nascimento assim como ele, ou aos adotivos, expondo outro aspecto que por sua vez não é revelado ao ler, mas ao sentir que fica implícito por entre seu relato/contraponto poético a autocrítica local sob a alegação que um dia já fora material e hoje é apenas simbólico, o *campinismo* assume a máxima de apenas quem bebeu das águas do açude velho é que tem o devido direito de tecer seus comentários sobre Campina Grande de modo negativo pois estará imerso no seio da sociedade local e saberá melhor do que ninguém do que sua comuna necessita e precisa de melhoramento. Em uma relação com a autoexplicação que a cidade traçou para si apenas responde a ela sua autocrítica, aos de fora que não passaram por este batismo resta apenas o silêncio e no máximo a admiração pelo município.

Este sentimento da autocrítica pode ser expresso na música que o artista Capiba²³ compôs para Campina Grande no álbum *Capiba, ontem, hoje e sempre* (1982) a música do pernambucano intitulada *Campina, cidade Rainha* tece apenas elogios à cidade em que o autor residiu por quatorze anos.

Linda cidade,
Campina,
És um sonho de amor
Tão bela que és
Com teu céu,
Com teus lindos jardins,
Tuas noites de lua
E o sol
A brilhar!
Tu tens o porte real
De rainha que és,
Campina!

(CAPIBA, 2014, p.91)

Ao som da valsa, ritmo que Capiba já utilizou em outros trabalhos, e em um ritmo compassado com os acordes tendo amplo destaque na música ela inicia no que se refere à letra elogiando as belezas naturais a quem foram eleitas como primeira imagem da exaltada comuna, tomando emprestados os elementos do Hino da cidade ao relatar sobre os astros celestes, mas distanciasse por coroar o sonho de amor a quem chama de Campina Grande assim como Antônio Mangabeira. Mas diferentemente da *Exaltação a Campina Grande*, Capiba em sua obra e toma as atribuições de um campinense nato e como estrangeiro acolhido na Canaã serrana utiliza de uma palavra e trata dele próprio por coroar sua onírica rainha assim acionando o mais importante epíteto que o município denominou a si, a *Rainha da Borborema* finalmente tem seu título exposto na música deixando de ser a princesa risonha do poema

²³ Nascido na cidade pernambucana de Surubim, Lourenço da Fonseca Barbosa (1904-1997), vulgo Capiba, veio para a cidade de Campina Grande em 1916 e mantém morada até 1930 onde foi morar em Recife-PB para atuar como servidor público. Capiba, contudo é conhecido pelo seu aspecto artístico tendo a fama do mais importante compositor de frevos do Brasil. Apesar de sua fama associada ao frevo sua obra como músico e compositor envolveu o trabalho com outros ritmos, como a música erudita e o samba. Capiba vem a falecer na cidade de Recife.

de Mangabeira e sendo explicitado no campo poético seu real título nobiliárquico.

Mais a frente Capiba vem a revelar sua paixão por Campina Grande sendo o principal fator que lhe leva a compor esta obra a cidade que habitou e ainda nutre sentimentos por ela:

Teus namorados
 Cantam canções
 Que falam de amor:
 Eu canto esta canção
 Feita em teu louvor!
 (...)
 Esta sede de amor,
 De viver, que não posso deixar
 Que se vá
 Nem morrer.

(CAPIBA, 2014, p. 92)

A feiticeira Campina Grande ao apaixonar os homens e mulheres que aqui vivem coloca dois sentimentos de vetores distintos, mas de impacto igual neste trecho ficam explícitos este dois sentimentos que afetam o seu autor, o amor relacionado à cidade e a saudades que ela cria no coração de quem está afastado dela. Capiba, porém não traçou as críticas a Campina Grande pelo motivo que abala o coração daquele que se distancia em excesso da cidade, a saudade, sua saudade tem o tom de Wilson Maux ao querer reavivar a cidade que lhe fora deixada apenas no campo da memória, mas traz a saudade da distância em rever de novo a Serra da Borborema. Sua ode a Campina Grande estava sob a influência deste sentimento como aponta Durval Muniz “de quem se percebe perdendo pedaços queridos de seu ser, dos territórios que construiu para si” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001, p.65). Os dois autores trazem a saudade como tema e instituem este sentimento para a busca constante da cidade que foi deixada no passado de suas vidas assim como hoje em que a população local sente saudade da Campina Grande pacífica, o *campinismo* tem neste sentimento um importante mecanismo para proteger e manter seus correligionários atrelados à identidade local.

Porém, esta união com Campina Grande não viria tão somente do sentimento da saudade, o ponto mais alto da construção da identidade local veio através da união de esforços direcionados pelo governo municipal e da criação dos três elementos que constituem a principal associação de identidade nacional a que a sociedade está inscrita. O brasão de armas, a bandeira e o Hino municipal trataram por associar esta identidade local em um ponto visível, a *Rainha da Borborema* estava mudando de roupagem saíram os velhos emblemas e entraram novos para dar uma nova imagem que a própria cidade deveria exprimir sobre si neste período de mudanças, não trazendo apenas este novo ar para Campina Grande, mas as criações destes elementos trariam como aponta Hobsbawn, a plena conscientização da cidadania e ligação do campinense para com sua cidade.

Aliás, a maioria das ocasiões em que as pessoas tomam consciência da cidadania como tal permanecem associadas a símbolos e práticas semirrituais (por exemplo, as eleições), que em sua maior parte são historicamente originais e livremente inventadas: bandeiras, imagens, cerimônias e músicas (HOBSBAWN, 2015, p.20).

Dentre todos esses símbolos o hino que irá ser trabalhado na presente análise encaixando na linguagem poética já que de acordo com o dicionário²⁴ um hino seria em resumo uma canção harmoniosa de ordem poética que se dedica a homenagem, louvor ou veneração de algum herói ou a um local como o Estado Nacional. Por este motivo de adoração que um hino traz a *Rainha da Borborema* precisava de uma homenagem, mas não como a canção *Tropeiros da Borborema*, o hino não oficial do município, que foi interpretado por Luís Gonzaga em 1964 no centenário de emancipação política de Campina Grande e teve como autores Raymundo Asfora²⁵ e Rosil Cavalcanti²⁶. O momento era

²⁴ Significado completo da palavra pode ser obtido em <http://www.dicio.com.br/hino/>

²⁵ Raimundo Yasbeck Asfora (1930-1987) foi um advogado, político e poeta com destaque dentro do espectro municipal de Campina Grande e do Estado da Paraíba. Apesar de nascido na cidade de Fortaleza-CE, vem na sua juventude para a cidade aonde viria a pontuar pela sua atuação no campo poético com amplo destaque do sentimento de amor à Campina Grande que foi lançado em diversos jornais de circulação local e estadual correspondendo a uma vasta fonte dispersa de obras de sua autoria. Raimundo Asfora também obteve êxito em sua carreira política tendo sido deputado federal e duas vezes vice-prefeito de Campina Grande. Chegou a ser eleito como vice-governador do Estado da Paraíba, mas não assume devido a seu falecimento, vítima de assassinato em Campina Grande.

²⁶ Rosil de Assis Cavalcanti (1915-1968) foi um ator, compositor e radialista, nascido no município de Macaparana- PE vem para Campina Grande por conta de sua transferência como servidor público do estado. Foi autor de uma vasta obra no campo musical da Região, onde trabalhou com os ritmos de coco, xaxado e baião, fazendo parceria com inúmeros artistas da época, a exemplo de Marinês, Jackson do Pandeiro, Genival Lacerda e Luiz Gonzaga. Veio a falecer em Campina Grande.

outro e a cidade precisava recompor seu ideal e a sua glória mesmo que longe dos aspectos econômicos e sociais, o campinense precisava como aponta Kelly Sousa de uma alma “Dizia-se, à época, que a cidade estava sem alma e procurava-se, então, (re) encontrá-la, ou mesmo inventar novas. Queria-se uma nova Campina, sem perder de vista as glórias do passado.” (SOUSA, 2014, p.12) e esta alma poderia ser tomada de volta com um amplo apoio da sociedade e principalmente do poder público municipal que assim tratou de fazer.

A história da escolha do hino percorre o andamento de quase dois anos percorridos na administração de Evaldo Cruz iniciando na criação da Lei Municipal N° 85 de 05 de outubro de 1973, onde se abre um concurso público para a escolha do hino que é regulamentado pelos decretos 61/73 e 60/74. Coube ao prefeito Evaldo Cruz realizar o concurso que sofreu alvo de críticas por parte do JPB diante da desorganização da banca e do curto prazo de entrega das melodias realizado no dia 24 de janeiro de 1974, tendo de ser realizado outro concurso para consertar as falhas do primeiro em duas etapas, uma relacionada à melodia, música do hino e outra com a letra. No dia 05 de outubro de 1974, em evento realizado no auditório do Colégio Imaculada Conceição (Damas), ocorre o concurso com as apresentações das 23 músicas concorrentes onde a composição do maestro Antônio Guimarães Correia acabou sendo a escolhida. No dia 14 de junho de 1975 agora no Teatro Municipal Severino Cabral foi realizado o concurso para a escolha da letra tendo como vencedor o poema escrito por Fernando Silveira²⁷. Apesar do fim dos concursos o hino foi gravado na cidade de Recife apenas no ano de 1976, em parceria do coral “Madrigal do Recife” e a Banda Aérea do Recife onde foi gravado em disco de vinil (LP).

²⁷ Fernando Silveira (1920-1990) nasceu em Fortaleza-CE, mas chegou a criar morada em João Pessoa e Campina Grande. Apesar de ser mais conhecido pela profissão de professor aonde trabalhou em escolas e universidades a exemplo do colégio Estadual da Prata e da URNe, assumiu outras funções além da docente, foi radialista, político, escritor e dramaturgo, com atuação em novelas e programas para as rádios onde trabalhou- Ceará Rádio Clube e Rádio Borborema), assumiu o pleito de vereador entre aos anos de 1959 à 1963. No campo artístico Fernando Silveira se destaca além da criação do Hino da cidade por outras obras, como “Falenas” e “Vidas Paraibanas”.

Foto da Capa do disco



Disponível em <http://cgretalhos.blogspot.com.br/2009/09/memoria-musical-o-hino-de-campina.html#.VyFs9zHSI8E>

Não somente pelo hino contido no LP que os elementos para reconstruir essa identidade local abalada no período são demonstrados, a foto da capa traz consigo outro símbolo da identidade campinense em resgate no período. A obra que havia passado por mais de uma década apenas no papel e imaginário dos prefeitos tem sua conclusão terminada no governo Evaldo Cruz; o parque que leva o nome do administrador que a concluiu possuía uma função predeterminada na época “a vontade de construção de novas identidades para Campina Grande, parecia que com a construção daquele parque e sua inauguração, Campina Grande acabaria ganhado uma nova chance para soerguer-se, para nascer de novo” (SOUSA, 2014 p. 28).

A inauguração do parque teve destaque nas páginas do JPB em toda sua extensão, desde o processo criativo até as concepções que cimentaram o projeto e especialmente o marco central do parque, o Obelisco de Campina Grande e a sua localização privilegiada na cidade que acabavam por demonstrar as intencionalidades simbólicas que o governo municipal trabalhou no período para o reforço da identidade local.

O monumento aos índios Ariús, primeiros habitantes do chapadão da Borborema, será uma espécie de marco zero da cidade, marcando o ponto mais nobre da cidade e o momento de reconhecimento da sua cultura. Valendo ressaltar que foram aqueles indígenas os primeiros habitantes do sítio de Campina Grande (...). Por sua localização o monumento aos índios Ariús está plantado sobre coordenadas que definem o marco zero da cidade isto é, o seu centro geográfico (JORNAL DA PARAÍBA, 31 de jan 1976, p.3).

Longe do que hoje nos habituamos a ver o Parque Evaldo Cruz reflete em toda sua criação de concreto, sem vida a um primeiro olhar e de ares bastante intimidadores para a população local devido à insegurança que impera atualmente no local, o parque em toda sua extensão configurou-se em um depósito de memórias e esperanças dos corações e mentes locais para um novo rumo que conduziria o município a seu futuro de progresso. Assim essa comunhão de símbolos que o trouxe em sua arte de capa e musica o LP do Hino municipal buscava trazer de volta o espírito de vitória local e serviria como o marco de uma nova fase de progresso e pujança da cidade e de seus habitantes buscando amarrar todas as almas locais em uníssono e recriar a “alma campinense” tirando-a de um mar de apatia que se deu nos corações campinenses.

Como salienta Hobsbawn em sua análise sobre as tradições no mundo ocidental as tradições surgem em grande medida quando se percebe na sociedade que o antigo modo de vida ou de poder daquela mesma sociedade está desaparecendo frente a novos costumes, quando a realidade está sendo destruída e uma nova está se sobrepondo as antigas concepções de um povo “inventam-se novas tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas, tanto do lado da demanda quanto do lado da oferta” (HOBSBAWN, 2015, p. 12). Elas buscam preencher o sentimento de vazio que abala sobre a sociedade, no caso de Campina Grande o esvaziamento da economia causou um esvaziamento no sentimento de ser campinense que até o momento havia sido atrelado ao progresso econômico em pé de igualdade com as capitais dos Estados nordestinos.

O Hino de Campina Grande possui todos os atributos de uma tradição inventada, os atributos de identidade são múltiplos e anônimos, sem grandes detalhes cada estrofe pronuncia o que se constitui como sendo a real Campina Grande e ainda que nem todos os elementos estejam dispostos neste hino, porém os reflete ficando circunscrita nas linhas gerais da poesia. A cidade deve

ser vista como algo maior a qualquer um que passe por ela, o hino tem a função de eternizar a cidade, torna-la superior até mesmo ao tempo. O hino da cidade é, pois uma teia de discursos cada qual estabelecido em um dado momento, mas com a capacidade até então de renovação e de *ressignificação*, seria a nova canção para exaltar o espírito campinense capturando todos os discursos soltos sobre a cidade, dando o aval do poder oficial municipal e costurando-os em uma colcha que aquece o espírito local prendendo-os em um conceito que por vezes passa despercebido em sua costura.

HINO DE CAMPINA GRANDE

Venturosa Campina querida

ó cidade que amo e venero

o teu povo progresso expande

és na terra o bem que mais quero!

O teu céu sempre azul cor de anil

Tuas serras de verde vestidas

salpicadas com o ouro do sol

ou com hóstia dos brancos luares

Eterno poema

De amor a beleza

ó recanto abençoado do Brasil!

Onde o cruzeiro do sul resplandece

Capital do trabalho e da paz!

Oficina de ilustres varões

Canaã de leais forasteiros

És memória de índios valentes

E singelos e alegres tropeiros!

Tua glória revive, Campina

Na imagem dos homens audazes

Aguerridos heróis de legendas

que marcaram as tuas fronteiras.

Eterno poema

De amor a beleza

ó recanto abençoado do Brasil!

Onde o cruzeiro do sul resplandece

Capital do trabalho e da paz!

(SILVEIRA, 2014, p. 87-88)

O culto a cidade inicia-se desde a primeira estrofe percorrendo ideais diferentes. Na primeira parte do poema existe uma busca por tratar de duas questões, a primeira envolvendo diretamente o sentimento de amor a localidade e do espírito campinense buscando legitimar o ímpeto do trabalhador local em busca do progresso contínuo que sempre buscam para si e para sua cidade; a segunda questão já envolve de tratar das belezas naturais que estão dispostas na cidade serrana, Fernando Silveira tenta trazer uma paisagem idealizada que a cidade possui estando na narrativa idealizada do município “Essas coisas formam a trama que nos prende invisivelmente ao passado (...) é uma ênfase na tradição e na herança, acima de tudo na *continuidade*” (HALL apud SCHWARZ, 2014, p. 32).

Já no segundo momento o Hino busca tratar da indústria que a cidade possui tornando Campina Grande como *Oficina de ilustres varões*, uma fábrica, aqui nascendo invariavelmente varões, adquirindo características que buscam tornar os atributos da população inatos (HALL, 2014), surgindo com a população quando choram pela primeira vez no topo da serra e tentando trazer qualificações jamais encontradas em outro local, capacidades que podem ser reavivadas mais uma vez se houver empenho para tamanho esforço. E para aqueles que não puderam ter estes atributos adquiridos dentro da oficina Campina Grande restam tratar a cidade que lhes acolheu como aponta no Hino em uma *Canaã de leais forasteiros*, como local de oportunidade sem fim e de uma beleza tão grande que traria até mesmo aqueles que não nasceram sobre esta terra um sentimento de amor pela mesma. Esta Canaã campinense foi o lar de alguns declamadores sobre o município, como Rosil Cavalcanti, Raymundo Asfora e Marinês²⁸. Tal característica traçada na poesia de Mangabeira possivelmente teve influência vinda do Hino da cidade em traço de

²⁸ Nascida na cidade de São Vicente Férrer-PE, Inês Caetano de Oliveira (1935-2007) mais conhecida pelo nome de Marinês e por seus títulos de *Rainha do forró e do xaxado* foi uma cantora de destaque nacional pelo uso de elementos relacionados ao cangaço e a região nordestina bem como o uso de músicas populares da região a exemplo do forró e baião. Gravou mais de quarenta discos e foi uma das primeiras grandes cantoras a surgir no cenário musical nacional. Sua associação com Campina Grande também é notória onde já interpretou diversas canções em homenagem a cidade como *Peba na Pimenta e Tudo Grande*.

afetividade da cidade para com o estrangeiro, o estranho, Campina Grande passa a constituir a característica maternal da cidade galgada sobre o progresso que foi possível graças à ação do estrangeiro e de todos aqueles que aqui vem buscar pousada, mostrando que o *campinismo* poder ser assumido por todos aqueles que amam a cidade tal como o tropeiro retratado na música de Luiz Gonzaga. Refletindo a imagem formada em relatos orais de pessoas que aqui se estabeleceram e falam sobre a capacidade que a cidade tem em acolhê-los e trata-los como "filhos da terra".

Após as atribuições relacionadas ao povo e conseqüentemente ao município a segunda parte do Hino continua em elencar o que se constitui ser Campina Grande passando pela história oficial da cidade, desde a sua origem apontada pelo aldeamento aborígine *És memória de índios valentes* com o elemento indígena sendo tratado de modo breve e de importância secundária aonde é lembrada apenas sua constituição e depois seu esquecimento dá-se de modo surpreendente partindo para o segundo constituidor da cidade e que traz mais elementos significativos à memória local de seu papel desempenhado na história municipal, o tropeiro. O mito do tropeiro como o segundo elemento para a constituição do município e o primeiro elemento de progresso da mesma teria de ser posto no hino oficial de Campina Grande onde se refere aos *E singelos e alegres tropeiros* trazendo outra característica a este personagem na letra do hino por consequência aliviando a imagem do tropeiro de toda a carga de responsabilidade e sacrifício que levava sua vida como pode ser visto no hino extraoficial ou "oficioso" de autoria de Raymundo Asfora, Rosil Cavalcanti e cantada por Luiz Gonzaga onde a figura do tropeiro é retratada com mais seriedade e sofrimento.

Como último elemento que vem a constituir o campinense ele surge no final da segunda parte trás as últimas quatro estrofes antes do refrão vão ter ligação novamente à questão do passado. Neste ponto a glória obtida por Campina Grande pode ser acessada com a inspiração dos homens de outrora em ligação com os ilustres varões que a cidade produziu que são descendentes dessa primeira comunidade que imprimiu no sangue dos seus descendentes espirituais, ou mesmo familiares os traços que viriam a constituir o espírito campinense, ligando novamente a questão das glórias de outrora com o desejo pela modernização a narrativa criada transforma uma história

cristalizada e idealizada sobre Campina Grande e o *campinismo* responde como principal instrumento de ligação entre as duas pontes.

Tua glória revive, Campina
Na imagem dos homens audazes
Aguerridos heróis de legendas
Que marcaram as tuas fronteiras
(SILVEIRA, 2014, p.88)

O refrão que se repete durante a primeira metade e o final da música busca elencar a cidade em um pedestal mantém os atributos constitutivos da primeira parte resultantes de sua beleza serrana e a localiza enquanto campo geográfico como *Recanto abençoado do Brasil*, contudo a parte em que nota-se uma maior prevalência de ideias se dá na estrofe final quando se pronuncia *Capital do trabalho e da paz* o hino vai tratar em poucas palavras da legitimação de uma identidade ainda não oficial, mas que rondava o imaginário local desde a década de 1940 do século passado onde os seus habitantes elegem a cidade finalmente como Capital, se não administrativa da Paraíba, a Capital econômica e conseqüentemente do trabalho dentro do cenário estadual e regional, tratando da noção do progresso vinda da labuta dos filhos da terra ou acolhidos que transformaram um pequeno aldeamento em uma cidade que ruma para o crescimento contínuo e ininterrupto. A paz enfim reflete-se como outro atributo da *paraibanidade* que foi elencado pelos membros do IHGP (Instituto Histórico e Geográfico Paraibano) durante as primeiras décadas do século passado (DIAS, 1996) e vem a adicionar outra característica de empréstimo ao *campinismo* não podendo deixar de absorver as características que a cercava enquanto participante de outras esferas de identidade. É sobre esta afirmação que percorre o refrão que põem de mais memorável que o Hino de Campina Grande busca inculcar servindo para coroar o que de mais gritante a cidade busca possuir cristalizando o sentimento de bairrismo local.

Apesar de tratar-se da melhor amarração de significados e adjetivos em torno da construção da identidade local em uma tradição inventada da mais alta intencionalidade o Hino de Campina Grande não pôde, porém tratar de todos os adjetivos que foram sendo adquiridos ao longo do tempo e estas aberturas no discurso local serão sanadas em outros trabalhos e campos

linguísticos, ao Hino municipal coube somente a tarefa de reunir os mais significativos atributos que tratavam sobre a *Rainha da Borborema*. José Alves Sobrinho²⁹ trata de alguns desses atributos não elencados na memória oficial em seu poema de título *Campina Grande* lançado em 1974, o poeta trata em seu grande poema de treze partes por falar de modo geral a história, belezas, atribuições do povo campinense e do espírito da cidade assim como no Hino da cidade e por este motivo apenas me interessam duas partes deste todo, são elas que dão adjetivos diferentes ao município de modo que não foi claramente versado em outros poemas.

Teu progresso é admirável
 Tudo teu é agradável
 Desde o teu clima saudável
 Ao teu porte independente,
 Terra hospitaleira e rica
 Cujo povo se dedica
 Se esforça se sacrifica
 Pra te ver sempre a frente
 (SOBRINHO, 2014, p. 27)

Além de trazer os atributos já exaltados da Campina Grande poética desde o clima, o progresso e a hospitalidade do seu povo vem em destaque *Ao teu porte independente* em uma característica que vai ser mais divulgada no campo jornalístico tentando mostrar uma cidade que não precisa dos mandonismos externos, desata o município nos limites geográficos e trama para si uma cidade-estado nos moldes gregos, mas que serão melhores encaixados nas cidades dos comerciantes fenícios. A liberdade de outrora foi tomada pelas medidas dos governos centralistas do Regime Militar, mas a já não mais cidade-estado permanece em seu discurso como em um local separado com as Serras do planalto da Borborema formando uma barreira natural para conter esta busca pela subjugação do município frente a um poder de maior amplitude.

Campina Grande, Campina

²⁹ José Alves Sobrinho foi um poeta e pesquisador da cultura popular nordestina nativo de Pedra lavrada (1921). Autor de diversos cordéis e do livro *Sabedoria de Caboclo*, também foi associado como grande repentista do Nordeste. Faleceu em Campina Grande no ano de 2012.

Nunca foste pequenina
Nem mesmo quando menina
Em braços coloniais,
Conservas o mesmo nome
O tempo não te consome
Teu valor não há quem tome
Deus te deu não tira mais.
(SOBRINHO, 2014, p.29)

Nesta segunda parte de sua obra José Alves injeta a grandeza na cidade naturalizando um mote que a cidade possui como lema de vida e segundo nome, Grande. Para José Alves a grandeza da *Rainha da Borborema* já estaria prenunciada mesmo antes do firmamento do aldeamento indígena na região pela intercessão da divina providência esta terra está fada a nunca cair na mediocridade, traz a Deus um dom, uma dádiva que apenas no alto da Serra pode ser presenciada, pois Campina Grande repousa as sombras da figueira do progresso e colhe seus frutos que alimentam seus filhos deixando-os, porém com a sede do progresso.

E são sobre esses discursos que se forma uma certeza, o futuro não poderá destronar a *Rainha da Borborema* que por direito divino adquiriu seu status real e suas virtudes únicas, e é sob este mesmo direito divino que a rainha olha impavidamente à frente sem nada a temer, pois ela estará para sempre protegida do tempo enquanto repousa no alto da Serra.

CAPITULO III

ENTRE O INFORMAR E FORMAR: O JORNAL DA PARAÍBA COMO CARTAZ DE PROPAGANDA DA IDENTIDADE CAMPINENSE

Os discursos dos periódicos são um contraste com relação a análise do campo lírico porque a linguagem do jornal tem seu tom mais voltado à busca da e pela informação e a criação de opinião tentando trazer outros atributos a cidade por isso que nos impressos Campina Grande não é a cidade pintada e cantada como em um hino ou numa aquarela, ela é de realidade um pouco mais pragmática e mais ufanista do que possa parecer e devido a importância que os jornais desse período possuíam em relação a opinião pública sem sombra de dúvidas as palavras expressas nos diários locais atingiram a população local de tal forma que ainda se pode perceber os discursos escritos sendo apresentados em conversas informais, entre amigos, colegas, até mesmo estranhos entre si. Todos esses discursos que por vezes foram tratados de modo rasteiro, não oficial sobre o destino da cidade e seu passado, sua memória lembrada e lembrada diariamente, não apenas pela minha fonte de estudo, o JPB, mas outros periódicos que tinham veiculação dentro do município a exemplo da *Gazeta do Sertão* e o *Diário da Borborema* que disputavam a hegemonia editorial local, como também formativa e informativa de fatos e opiniões.

Tive uma grata surpresa ao analisar os periódicos do *Jornal da Paraíba*³⁰ pensei que não veria tanto um discurso voltado ao engrandecimento da cidade e de seus habitantes quanto em outros jornais que circulavam no mesmo período, contudo este ceticismo foi desmembrado, portanto o JPB trouxe a possibilidade que diversas vozes pudessem discursar sobre a cidade em suas páginas e em sua grande maioria o discurso sobre Campina Grande estava

³⁰ O Jornal da Paraíba foi um jornal impresso, fazendo parte do grupo Rede Paraíba de Comunicação matutino de circulação a nível estadual que tinha como sede a cidade de Campina Grande. Lançado em 5 de setembro de 1971 como reação de um grupo de empresários a impressão do *Diário da Borborema* na cidade de João Pessoa. Sua circulação que foi mantida por mais de quatro décadas teve no dia 7 de abril de 2016, anunciado o fim da edição impressa do JPB pelo então presidente da Rede Paraíba de Comunicação, Eduardo Carlos. A última edição do jornal foi impressa e circulada em 10 de abril de 2016.

impresso no caderno de política e opinião que se localizava na segunda ou mesmo na primeira página do período dedicado a pesquisa.

A cidade retratada no JPB contribuiu com a diversidade de adjetivos, qualidades e peculiaridades que cercam Campina Grande e seus filhos, por isso que optei por recortar apenas alguns dos discursos que foram traçados nos periódicos do *Jornal da Paraíba*. Também se deve notar que os discursos presentes nos jornais apesar de terem de se adequar a norma militar para que fosse evitada a censura parcial ou completa de um artigo de opinião, coluna ou informativo não foi, contudo alvo de supervisão das autoridades locais, a memória oficial não pode agir diretamente sobre o que se discursava sobre Campina Grande de modo tão forte possibilitando a este campo ser de uma grandiosidade de signos tão abrangente.

Foi justamente entre essa grandiosidade de signos que entre os diários do JPB encontrei uma afirmação diferente e distante em parte do que se é pensado sobre o *campinismo*. Enquanto que este sentimento é visto como o bairrismo característico do campinense com seus traços ufanistas em último grau geralmente visto com negatividade pelos olhares estranhos a comunidade local, e especialmente aos detratores e rivais de Campina Grande em tom de deboche quando vai tratar sobre os habitantes da *Rainha da Borborema*, para os campinenses que discursavam nas colunas do JPB o *campinismo* é justamente o contrário, é o sentimento de ordem moral e voltado para a justiça da urbe que se viu tantas vezes prejudicada “Tem de partir para o campinismo, este sentimento de rebeldia santificada pelo direito e pela justiça” (JORNAL DA PARAÍBA, 12 de jun 1975, p.2). Sendo a principal arma de apelo popular pelo fato que os mais acalorados e superlativos debates que se viam nas páginas do *Jornal da Paraíba* relacionados ao município possuíam como título “Campinismo” ativando um dispositivo discursivo que trata de afetar os corações e almas locais na busca pela defesa de sua cidade e dos projetos que ela e os seus anseiam tornando-se o ápice do sentimento de amor à cidade, superproteção e orgulho do cidadão campinense.

Era esta rebeldia que deu contribuição direta a reinvenção do discurso campinense após a crise econômica ocorrida durante a segunda metade da década de 1960. O campo dos periódicos longe de apenas informar formou em

suas páginas, colunas, artigos e notícias um resurgimento do espírito de combatividade e identidade local. Logo em 1974 após um ano da volta do crescimento da cidade o então prefeito Evaldo Cruz em nota aos campinenses no dia primeiro de janeiro relata o período de dificuldades enfrentadas e a saída dela há pouco tempo “Somos hoje, pois, um povo motivado para o desenvolvimento, que reencontramos confiantes na nossa capacidade empreendedora e espírito de luta” (JORNAL DA PARAÍBA, 01 de jan 1974, p. 1). Nesta mensagem Evaldo Cruz claramente busca reaver o espírito de luta e fibra que tanto foi louvado em décadas anteriores para a continuação do progresso da cidade, claro que neste processo a transformação foi necessária assim como na realidade uma nova tradição deveria ser vista no período em questão, ainda havia a liderança econômica campinense por todo o interior nordestino, mas esse tempo estava passando e um novo significado deveria ser feito para o discurso campinense.

As colunas de opinião, e especialmente as vozes políticas saem em busca da volta do espírito campinense que havia sido duramente abalado e desse novo norte que a cidade deveria seguir após a recessão econômica da década de 1960, em um processo discursivo novo se fez neste período de transição em um combate contra o arrefecimento que se deu no espírito local (SOUSA, 2014).

Campina vive no presente uma época de transição, aliás numa réplica de períodos passados, não é mais aquela cidade da pujante riqueza trazida pelo algodão e como entreposto natural de um forte comércio. E muito menos uma cidade condenada a inanição sem horizontes (JORNAL DA PARAÍBA, 25 de mar, 1973, p. 2).

A forte crise econômica que atingiu o aspecto psicológico dos habitantes a realidade estava à prova de que Campina Grande esteve imersa em meio a mudanças durante este período e que se não houvesse o esforço de toda a comunidade o município seria deixado para trás sem possibilidades de melhoras e progresso. Estava se buscando um novo mote para guiar seus passos rumo ao progresso e o espírito campinense não poderia cair de novo em apatia para que as glórias pudessem retornar de vez a Serra da Borborema.

Mas esse sentimento não teria como voltar, o relaxamento do ímpeto campinense foi apenas momentâneo não vindo a se repetir se fosse lembrado

o real sentido de ser campinense e de merecer ser chamado de campinense cabendo aos impressos do JPB tratariam de reaver esse espírito. Em um artigo retirado do Jornal do governo do Estado *A União* e publicado no JPB o artigo opinativo afirmava que “A fibra campinense é conhecida. A capacidade de lutar no povo que habita a Rainha da Borborema tornou-se quase proverbial” (JORNAL DA PARAÍBA, 03 de mar 1978, p. 2). Este artigo ao tratar da então Universidade Regional do Nordeste acabou por eleger a URNe como peça fundamental dos discursos envolvendo os denominados atributos campinenses, os discursos atrelados a instituição de ensino superior para sua melhoria, ou seu não desaparecimento frente a realidade local buscando unificar com a chama do espírito campinense a identidade local para o fortalecimento dos objetivos que buscavam alcançar quer seja para o benefício da URNe ou para o fortalecimento do *campinismo*.

Este *campinismo* trataria, portanto de percorrer outra estrada longe se possível dos sentimentos atribuídos à identidade nordestina, pois enquanto que o sentimento de derrota abateu toda uma região e a fez ser a mais bem delineada por discursos a que hoje conhecemos por Nordeste, Campina Grande fez o movimento inverso onde sua memória não seguiria obrigatoriamente a memória regional baseado principalmente numa saudade dos tempos de glória e na perda deste poder, contra as mudanças que buscavam destruir essa realidade imemorial e a-histórica (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001). Campina Grande formulou em seu discurso que estaria para sempre voltada ao futuro, ao progresso ininterrupto e a marcha eterna para sempre ser maior e melhor do que a atual cidade. A derrota que a cidade sofreu com a estagnação econômica da década de 1960 terminou por tornar-se apenas mais um obstáculo a ser superado pela determinação do espírito campinense. A identidade local deste modo passou a receber outros discursos que a tornam parcialmente isolada quer da identidade regional nordestina, quer da identidade estadual sob a égide discursiva vinda de João Pessoa e ainda que inseridas nesses campos discursivos adquirissem elementos das duas identidades o *campinismo* consegue libertar-se de amarras simbólicas para criar as suas próprias onde pode governar seu próprio discurso.

Assim a *Rainha da Borborema* do alto de seu trono deveria ser ligada a concepções mais progressistas na busca de afirmar-se novamente como

“Metrópole do Interior”, as roupagens que a deram como parte da identidade nordestina ou paraibana não lhe caíram bem deixando por conta dos discursos locais que fosse tecida uma nova roupa a sua amada cidade e na falta de exemplos para tecer este discurso o campinense importa um modelo que caiu muito bem com a identidade paulista. São Paulo como cidade exemplo do progresso brasileiro e atrelado ao ideal da locomotiva da nação possuía elementos que em muito pareciam com os inseridos na identidade campinense e o modelo foi adotado e reutilizado.

O sentimento de igualdade com São Paulo já havia sido definido logo no centenário de aniversário da cidade como aponta Joabe Barbosa referindo-se ao ufanismo posto na escrita da geógrafa Maria Francisca Tereza ao relatar sobre o município durante os festejos de 1964, já que “Os planaltos paulistas e da Borborema servem de símbolo para demonstrar o grau de diferença destas cidades com as demais, pois é do alto que se governa, que se domina” (AGUIAR, 2014, p. 138). Nos discursos que teceu para si Campina Grande não teria sua identidade relegada como simplesmente a do Nordeste e de sua região rica no aspecto cultural, mas pobre no que se diz em relação ao progresso contrastando com a cidade de São Paulo (MUNIZ, 2001).

A identidade do campinense seguiria a paulista com as comparações já feitas mostravam a igualdade no que se refere à constituição e importância das duas cidades, cada qual a seu modo particular de denunciar seu progresso através de imagens e memórias revelando o aspecto de sempre modernista e sempre vanguardista que a população e principalmente seus administradores buscavam dar a ela em claro contraste a João Pessoa e o restante das cidades nordestinas que mantinham aspectos ligados a um passado barroco, pré-capitalista e por isso antimoderno (MUNIZ, 2001). Utilizando-se do discurso do romancista José Lins do Rego que havia contribuído para a criação da Região imagético-discursiva chamada de Nordeste o JPB transcreve sua afirmação “nas veias campinenses corre o fogo de São Paulo. Em outras palavras Campina Grande é a São Paulo do nordeste” (JORNAL DA PARAÍBA 22 de jul 1979, p.2).

Mas esse espírito de igualdade exposto nas páginas do *Jornal da Paraíba* não permaneceria por muito tempo. O espírito do campinense não se

deixaria ser colocado como um mero igual da cidade de São Paulo, ele queria e pôs ela nas nuvens mesmo que de modo alegórico, simbólico, irreal como deve ser o discurso ufanista que percorre por entre as ruas e corações de quem habita a *Rainha da Borborema*. Assim coube a Virginius de Gama e Melo³¹ trazer esta pretensa afirmação à tona; afirmação que já estava expresso no segundo nome da cidade, Grande.

A glória começou pelo batismo. De primeiro era o nome simpático, afetivo – Vila Nova, já havia beleza, mas acrescentava – ‘da Rainha’. E ficava a boniteza – ‘Vila Nova da Rainha’. Grande veio depois, pois Campina não podia ficar só. Iria humilhar aquela cidade de São Paulo que mesmo sendo no plural Campinas não tem a importância de Campina Grande que domina todo o Nordeste (JORNAL DA PARAÍBA, 17 de mai 1975, p. 2).

Apenas pelo seu nome Campina se mostraria realmente Grande e seu destino não poderia colocar-lhe em igualdade com nada até por que acima de uma figura monárquica apenas a coroa que representa seu símbolo de poder temporal em conjunto com o direito divino que lhe foi dado para governar toda uma região transformando-a não em uma cidade, mas em um reino imaginário impulsionado e ainda mantido pelos sonhos de seus habitantes, sendo esta comunidade imaginada uma clara demonstração dos resquícios de sentimentos locais que foram sugados pela ideia de nação criada pelo Estado-Nacional a partir do século XIX, mas que permaneceram na cidade serrana onde o conceito de nação permaneceu como *natio*³² (HALL, 2014). Contudo este bairrismo não vem a surgir antes da ideia nacional, ele surge depois nos espaços em branco deixados por cada identidade que estava sendo construído nas primeiras décadas do século XX o campinense construiu a sua identidade capturando os elementos discursivos que lhes fossem mais agradáveis, buscando criar uma espacialidade discursiva a partir de bricolagens de ordem local não cedendo parte de sua memória para que a memória oficial da nação suplantasse a mesma capturando as brechas deixadas pelas identidades de origem nacional, regional e estadual e preenchendo elas com o sentimento de amor local com os denominados dispositivos discursivos (HALL, 2014) a quem

³¹ Virginius da Gama e Melo (1922-1975), nativo de João Pessoa e filho de famílias tradicionais do Estado foi um jornalista, literário, professor, crítico e ensaísta romântico com ampla participação na vida cultural do Estado da Paraíba, sendo autor de obras como *Tempo de vingança* e *a vítima geral*.

³² Palavra de origem latina que significa nascido.

é utilizada para a unificação da comunidade em um todo aparentemente homogêneo cortando as frestas dispares do discurso.

A rixa entre Campina Grande e João Pessoa também foi tratado em cada nuance de embate das duas cidades, o revanchismo antigo entre as comunas se tornou bastante edificador no que diz respeito aos discursos formadores de cada identidade pela visão da diferença. Esse discurso de rixas e revanchismos é bastante conhecido, por exemplo, na divisão do Brasil em Sul e na constituição da identidade nordestina, (MUNIZ, 2001) ou mesmo na busca das identidades nacionais do País de Gales e da Escócia frente à homogeneização da cultura sob a égide do poderio estatal Inglês em toda a Grã-Bretanha no século XIX (ROPER & MORGAN, 2014). É sob este olhar do outro que mostra sua influência na constituição de identidades pela luta entre os dois rivais, no caso das duas cidades pela supremacia no discurso de si e do outro.

A identidade campinense, portanto também responde pela existência de João Pessoa constituindo uma parte bastante explorada nos anos que a presente pesquisa abordou. Como bem afirmei a rixa entre as duas cidades é antiga, mas nesse período ela ganhou novos ares, a diferença existente entre as duas cidades estava às vistas daqueles que queriam observar, João Pessoa conseguiu tomar para si depois do revés econômico o status de capital econômica que Campina Grande durante a primeira metade do século passado orgulhara-se de ser, o centro econômico do estado viu ser transferido finalmente para a Capital e o histórico progresso que Campina Grande construiu para si havia cessado pela primeira vez em pouco mais de um século a cidade enfrentara a inanição ideológica e que ao se recuperar desta crise moral a responsabilidade foi jogada em todas as suas forças no poder governamental que havia privilegiado a Capital. Mesmo com esta nova realidade Campina Grande continuou a mostrar-se ainda superior, para sempre progressista mesmo com seus percalços deveria se basear em um ponto de referência que neste caso a Capital numa disputa simbólica tal como Cartago e Roma pela supremacia de um mar que se chama Paraíba e ainda hoje percorre os discursos daqueles que são apegados as suas localidades.

E deste modo se parte para uma nova diferenciação entre as duas cidades relacionado ao campo da identidade. Enquanto que a identidade paraibana percorreu majoritariamente nas análises dos historiadores dileta do IHGP o litoral rondando sempre a cidade de João Pessoa que seria o berço do patriotismo e do próprio homem paraibano, pouco entrando nos sertões da Paraíba (DIAS, 1996) a identidade campinense percorre por uma outra estrada, ainda que igual em partes as duas diferem nos adjetivos e na memória selecionada sendo um claro contraste a identidade paraibana homogênea já que uma localidade imprimiu um sentimento de amor, apego e bairrismo tão particular que foi usado de neologismo para defini-la.

Campina Grande não se formou nem cresceu de nenhum arbitrio oficial, de nenhum alvará da Corte. Cresceu de si mesma, por sua própria conta, como se nenhuma força exógena pudesse resistir ou mesmo ajudar nesse momento... As outras cidades foram feitas – João Pessoa por edito da corte e impulso de governos e institutos; Recife por obra de lusitanos e holandeses; Salvador por el re (?) Nosso Senhor; Campina se fez e cresceu por si mesma (JORNAL DA PARAÍBA, 15 de set, 1973, p. 2)

A própria criação das duas cidades obedece a motivos diferentes, os discursos buscavam mostrar a independência desta urbe diante da própria criação da cidade de João Pessoa com seus editos e arbítrios oficiais. Esta cidade que nasceu de si mesma sem auxílios exteriores e teve seu crescimento longe da costa que foi considerada a terra da primazia dos interesses imperiais prosperou de modo diferenciado, sem auxílios externos, os periódicos mostraram a face progressista do campinense nascido ou adotado em criar e gerar riquezas; essa face volta e meia seria utilizada pelos colunistas do período para mostrar a capacidade do campinense frente às adversidades enfrentadas na história da cidade e em cima deste aspecto da identidade tornou-se norma no que se refere ao discurso local no qual podemos perceber até hoje sua busca pela prosperidade. “Por isso se diz que os campinenses são possuidores de extraordinário espírito empreendedor” (JORNAL DA PARAÍBA, 28 de out 1973, p.1).

A *Rainha da Borborema* nasce de acordo com os discursos do JPB de um processo endógeno, de esforço próprio e sem apoio numa ampla relação com a cidade comercial e a importância que discursou ter para si no interior do cenário nordestino pela sua própria constituição advinda da iniciativa privada onde o esforço particular erigiu a cidade em toda a sua glória antes mesmo que

o poder público exterior, no caso o governo estadual pudesse olhar para a cidade da serra com outros olhos. Em uma construção que já havia sido utilizada, mas que precisava ser reavivada nesses novos tempos a paráfrase que o colunista Armando Lima faz do discurso do político Elpídio de Almeida³³ trazendo de volta a questão da origem humilde da urbe sem o apoio governamental “uma população de dez mil habitantes, desacostumada aos favores dos governos, desassistida em todas as suas precisões, abandonada a própria sorte” (JORNAL DA PARAÍBA, 13 de out 1973, p.3). Este traço que foi tão exaltado sobre a cidade responde a mais uma naturalização discursiva do que se buscou trazer como primordial no que referente à característica da cidade. Essas as vozes que repetem este argumento tratam-no para que haja uma continuidade cristalizada trazendo de um passado imemorial e ligando presente (HOBSBAWN, 2015) na questão da tradição de Campina Grande para o progresso e a vitória de obstáculos.

Esses obstáculos também foram impostos diante da questão de investimentos, onde Campina Grande sofreu diante das benesses de João Pessoa que muitos campinenses ainda relatam as percas que uma sofreu pela administração parcial localizada no litoral “Enquanto a primeira absorve recursos financeiros que teriam melhor destino público em outras áreas estaduais, a segunda fornece de ano a ano, os meios de desembolso cada vez mais acrescidos” (JORNAL DA PARAÍBA, 02 de abr, 1975, p.1). O próprio JPB tratou deste preconceito que Campina Grande traçou para si com causas naturais de um histórico a muito estabelecido no Brasil, um pensamento arraigado que muito pouco teria sido modificado e que prejudicava seus interesses de forma notória, mesmo que fosse a própria cidade e sua população que arcassem com esses custos do progresso da capital e admiravelmente de toda uma série de serviços.

Já estamos habituados ao sofrimento. A nossa cidade sempre foi relegada pelas administrações estaduais a um antipático e incompreensível segundo plano, prevalecendo o conceito dos tempos coloniais onde o litoral é importante para a defesa e segurança das

³³ Elpídio Josué de Almeida (1893-1971) Médico, e político local Nascido em Areia; veio a Campina Grande em 1924 onde iniciou sua carreira política como vereador e prefeito durante dois mandatos. Após sua jornada política passa a dedicar-se exclusivamente ao campo médico. Como historiador diletante, Elpídio de Almeida publicou o livro “História de Campina Grande” em 1962 enquanto era membro do IHGP. Faleceu em Campina Grande.

costas, nele e para ele devendo ser aplicados os recursos disponíveis convergirem os privilégios de escolha e de liderança entre aspas.

Estamos atrelados por força de posição geográfica e por destino, a um estado pobre que sobrevive às custas dos nossos recursos financeiros, de nossa liderança no campo econômico, da importação do nosso material humano, de nossos recursos educacionais, das nossas idéias, de nosso pioneirismo, da nossa boa vontade, enfim (JORNAL DA PARAÍBA, 19 de jan, 1975, p.1).

O ufanismo retratado em quase um desabafo contra as atitudes do Estado frente a cidade em que toda a Paraíba dependia, a autarquia campinense se viu ferida moralmente nas várias derrotas que sofreu ao longo dos anos seja pela implantação de indústrias, empresas de serviço e afins ou pela falta de investimentos iguais nas duas cidades. Mas essa disparidade também seria relacionada com sua a grandiosidade que levou ao surgimento de inimigos para vê-la cair, onde a glória campinense formou sombra seus adversários sorrateiros se esconderam querendo a derrubar fazendo deste modo o povo local a lutar contra tudo e contra todos para que sua história de glórias continue a existir, como aponta o político Ivandro Cunha Lima em seu discurso em busca do executivo municipal no pleito de 1976³⁴ “Campina, destronada rainha quer reencontrar-se com as históricas tradições de seu glorioso passado” (JORNAL DA PARAÍBA 24 de ago 1976, p. 3).

Mas esses inimigos que buscavam derrubar a cidade Rainha de seu trono não teriam conclusão satisfatória deste seu intento. O campinense teria algo além da fibra do povo para responder a esses ataques, em artigo ao defender a renovação da biblioteca da URNE o colunista Romero Figueiredo Agra³⁵ destaca logo de início.

Realmente, a gente pode dizer que o calor humano dos campinenses é surpreendente, deve constar nos anais sentimentais da Serra da Borborema: não tem data, não tem hora. Para ajudar. Campina Grande é uma amiga certa mesmo, daí tantas e quantas campanhas revestidas de êxito (JORNAL DA PARAÍBA, 06 de mai 1976, p. 3)

A vitória do município não viria apenas de uma identidade ligada a “fibra” campinense, apenas essa característica seria pouco para traçar as nuances de um habitante da *Rainha da Borborema* e assim foram elencados outros atributos que demonstrariam a vitória final de Campina Grande frente à política

³⁴ Ivandro Cunha Lima (MDB) acaba perdendo a corrida eleitoral municipal justamente para Enivaldo Ribeiro (ARENA).

³⁵ Este é um dos poucos casos onde não encontrei informações acerca da vida e atuação profissional do autor.

estadual que favoreceria João Pessoa na maior parte das vezes. O calor humano campinense e sua união em momentos de real necessidade firmavam a força local em suas conquistas e foram como Romero Agra aponta, constado na memória sobre a cidade estando em verso quando se canta *Canaã de leais forasteiros* no Hino da cidade, formalizando uma *inculcação* de ideias que passa a repetir de modo abrangente nos periódicos abarcando toda uma população e buscando diminuir suas disparidades em torno de um projeto municipal. Não se defenderia apenas a URNe, mas a coesão campinense, não se trataria tão somente a renovação da biblioteca da Universidade Regional, mas da unidade local passando a se perceber nos adjetivos que a ela lhe for atribuído.

A rebeldia campinense também tem sido ponto alto da identidade municipal especialmente no período decorrido a questão sobre a rebelde urbe da Serra da Borborema era vez ou outra pronunciado com um sentimento positivo atrelado a ela, não foi tão somente a iniciativa privada em que o campinense passou a identificar a prosperidade de sua terra natal, mas também de suas aspirações e concepções jamais buscando se submeter aos ditames vindos da Capital estadual “Como esta cidade brava, indômita e inquebrantável tem sofrido discriminações por parte dos homens do poder, que respiram a brisa que vem do Atlântico e esquecem o ar puro da serra” (JORNAL DA PARAÍBA, 09 de mar 1976, p.2). Apesar do período de depressão que a alma campinense sofreu a questão da passividade foi extremamente abolido dentro dos noticiários do JPB, qualquer indício de relaxamento dos governos municipais frente à dependência do governo Estadual foram duramente criticados buscando assim reaver os traços da independência municipal que estavam sendo paulatinamente perdidos.

A busca pela independência da administração local é lema especialmente no que se referiu a briga entre o DETRAN (Departamento Estadual de Trânsito) e CIRETRAN (Circunscrição Regional de Trânsito), o conflito deflagrado frente à questão do trânsito³⁶ foi somente uma das várias

³⁶ A questão envolvia a prova de habilitação ter de ser realizada em João Pessoa aonde, de acordo com a imprensa local, poderia ter como local de prova Campina Grande por suas condições favoráveis a uma descentralização dos exames. Esta questão foi bastante comentada nas páginas do JPB sempre em tom de acalorada disputa entre o poder estadual e municipal reavivando disputas que os dois poderes passavam a ter em maior grau.

que Campina Grande e o governo estadual tiveram de enfrentar nos anos de governo de Ivan Bichara³⁷, a dependência das administrações municipais frente as estaduais localizadas na Capital inflamavam a já acalorada rixa onde o político local José Luiz afirmou que “Qualquer pretensão dos campinenses cuja palavra final venha da capital, por si só, já representa um entrave ao progresso desta terra” (JORNAL DA PARAÍBA, 10 de mai 1978, p. 4).

Esta fase da rebelde Campina Grande tem vez durante o final do governo Ernâni Sátiro³⁸ e durante todo o governo de Ivan Bichara onde as críticas nas colunas do JPB são mais duras o tom é mais áspero e o sentimento da cidade estar sendo secundarizada diante do poder estadual se faz mais presente e apesar de que os fatos propriamente mostrem a predileção dos governos estaduais em investir na Capital a retórica superlativa que os campinenses construíram para si também foi usada quando se foi buscar falar de João Pessoa “A capital foi sempre colocada num pedestal de máximas possibilidades! A nossa cidade ficou relegada a último plano!” (JORNAL DA PARAÍBA, 13 de jan 1975, p. 2). A rebeldia campinense obedecendo a sua insatisfação pela sua posição trouxe uma nova visão do discurso relacionado a combatividade da comunidade que há muito vinha sendo esquecido obedecendo deste modo a uma tradição que obteve uma nova finalidade nos tempos da pesquisa onde Hobsbawn afirma que “ Houve adaptação quando foi necessário conservar velhos costumes em condições novas ou usar velhos modelos para novos fins” (HOBSBAWN, 2015, p.12).

Criticando de modo superlativo João Pessoa como cidade preferida dos repasses estaduais os periódicos do JPB transformaram a questão de ordem econômica para um campo mais pessoal na já acalorada disputa entre os dois municípios, e mesmo com todos os auxílios recebidos pelos governadores o *campinismo* em seu discurso-imagético via a *Rainha da Borborema* como a maior cidade do Estado representando a vitória campinense sobre todo e qualquer tipo de boicote que a cidade sofreu em detrimento a João Pessoa “O Nosso Estado talvez seja a única unidade federada cuja Capital equivale a dimensões de uma cidade do interior, seja em aspecto físico, populacional,

³⁷ Eleito pela legenda da ARENA, Ivan Bichara atuou como governador da Paraíba entre 1975 a 1978.

³⁸ Ernani Sátiro foi escolhido como governador da Paraíba pelo então presidente Emílio Garrastazu Médici durante o período de 1971 a 1975.

cultural ou econômico” (JORNAL DA PARAÍBA, 11 de jan, 1974, p.1) em um papel invertido da lógica predominante do cenário nacional Campina Grande como cidade interiorana se configura como a cidade mais importante do Estado, mas essa cidade pertenceria a uma metrópole do interior com aspectos progressistas e modernistas algo que ao olhar campinense é bem mais característico a uma Capital. Campina Grande, portanto se pôs em condições de abarcar a administração estadual em um sonho que sempre percorreu os ares serranos como que naturalmente deveria ser posto. Este sentimento fica tão evidente que em outra parte de sua homenagem a cidade Virginius da Gama e Melo aponta em seu discurso a primazia da cidade pelo seu reconhecimento, seu lado afetuoso com o estrangeiro e por sua vida local tão cativante e saudosa para aqueles que estão longe do ar serrano, elas justificariam a sua real e primeira afirmação que “Todo mundo sabe que a primeira cidade da Paraíba é Campina Grande. Temos a capital é certo, mas capital não é cidade, é capital. Cidade mesmo, a primeira, sem sombra de dúvida, é Campina Grande” (JORNAL DA PARAÍBA, 17 DE MAI 1975, p.2).

E no mais claro e alto ponto de discurso do *campinismo* a primazia da cidade serrana estava estabelecido, a mania de Campina Grande ter como ponto de referência e explicação ela mesma vendo em seu reflexo tudo o que ocorre e é comentado trouxe no seu ideal o conceito de equiparar-se a nenhuma outra cidade no mundo nem mesmo na ordem de uma Megalópole como Nova York³⁹, traz na própria repetição que é feita a todo tempo não apenas nas colunas dos jornais, mas nas ruas da cidade como um processo de *inculcação* da mais alta afirmação que o campinense possui obedecendo em risca as categorias b) e c) das tradições inventadas onde respondem por “aquelas que estabelecem ou legitima instituições, status ou relações de autoridade; e c) aquelas cujo propósito principal é a socialização, a inculcação de ideias, sistemas de valores e padrões de comportamento” (HOBSBAWN, 2014, p.17). E neste superlativo discurso sobre si o próprio campinense as colunas apresentavam em uma visão de si que “Campina Grande é a cidade de extremos e tem manias de princesa, de gente rica” (JORNAL DA PARAÍBA, 25 de out 1973, p. 2). Este discurso iria mais longe e assumiria a imposição da

³⁹ Em passagem pela cidade Gilberto Gil afirmara que: “Campina Grande tem uma vontade danada de ser New York”; a frase ganhou efeito diante do cenário local e regional sendo um disparate para os campinenses e motivo de chacota para os detratores da cidade.

cidade frente ao atendimento de suas exigências “Este arraigado sentimento de uma cidade que se julga rainha e que deve ser servida de qualquer jeito, dificilmente desaparecerá” (JORNAL DA PARAÍBA 13 de out 1973, p.2), a justificativa para tal fato viria de sua coroação, a nomeação de Vila Nova da Rainha teve⁴⁰ efeitos em longo prazo, a coroa foi assumida pela comunidade e os mandos e desmandos de um membro real deveriam ser sempre atendidos.

William Tejo em sua coluna intitulada *Aqui, política* afirma a posição de Campina Grande dentro do cenário paraibano e seu ímpeto de grandeza em cima de tudo e todos.

filho de Campina Grande é todo aquele que aqui fica para trabalhar pelo seu progresso, que lutou e que luta, então a política reflete este estado de espírito, já que não passa de uma disputa.

E foi graças a este espírito de competição que esta cidade cresceu, firmou-se e hoje é o que é (JORNAL DA PARAÍBA, 21 de ago 1976, p.3).

Seu destaque em primeiro lugar teria função direta com a sociedade local, pois o campinense ou todo aquele que queira ser chamado de filho de Campina Grande tem sofrer na labuta na busca de alcançar o que almeja. William Tejo desta forma fecha dois pontos que são lei ao cidadão local referir-se como campinense, o primeiro é que mesmo sendo uma cidade acolhedora existe essa ressalva não é qualquer um que pode ser campinense, mas apenas aquele que tiver a disposição para trabalhar ao bem coletivo. O segundo relacionado com o sentimento de amor coletivo onde individualismo é recortado, a bonança não é apenas o objetivo principal dos particulares sonhos campinense, nele há de repousar o sentimento de contribuir para a cidade que lhe conferiu parte do progresso que tem em si mesma e a cidade deve ser paga além de gratidão com a luta pelos interesses da mesma ao convocar a massa campinense em um objetivo maior do que o de qualquer um tenta imortalizar a cidade, tornando-a maior do que tudo e todos dando um sentido a vida de cada habitante local (HALL, 2014), as bandeiras devem ser postas de lado para hastear a bandeira de Campina Grande sempre que possível, sua fibra e união entram em contato com seu aguerrido espírito de luta

⁴⁰ O informativo foi usado como afirmação da frenética campanha que os residentes tomaram para si tendo como objetivo a construção de um estádio de futebol para o município para isso usando de variadas estratégias para a obtenção do mesmo. Buscava-se assim afirmar e usar do ainda poder simbólico que Campina Grande tem principalmente como colegiado eleitoral, para que seus pedidos fossem aceitos, em tom de arrogância e de exigência.

Dá-se também um significado ao crescimento da cidade, ela nasce do espírito de competição local contra todo e qualquer desafiante assim sendo feito até hoje com João Pessoa e até mesmo com São Paulo, Campina Grande busca desafios cada vez maiores para competir e sempre em busca da vitória que está no gene campinense que será complementado pela fala de Robério Maracajá⁴¹ onde na sua coluna de opinião *Coreto* dispõe as seguintes afirmações sobre o campinense.

acima das decisões do poder eleva-se algo muito mais forte, pois duradouro, perene, que é a opinião pública ou a consciência coletiva invocada em defesa dos próprios interesses coletivos. Sem cores, facções, cartas marcadas

Sempre vi o campinense uma gente de briga. (...) que não ficava nunca por baixo, que se em determinado lugar construísse um aeroclube, Campina Grande faria um espaçoporto (JORNAL DA PARAÍBA, 08 de abr 1976, p. 2).

Forma-se algo maior que tudo que Campina Grande sofreu dentro do discurso do *campinismo* no período, fruto das conquistas dessa cidade e acima do poder oficial que tenta diminuir a *Rainha da Borborema*, a cidade possui como método de defesa a opinião pública que encontrou na mídia campinense o direcionamento firme na constituição da identidade local. É sobre este consciente coletivo que convergem os dispositivos discursivos que foram deixados nos adjetivos que afirmavam que a cidade e sua população possuiriam de modo natural para serem acionados quando assim a dita opinião pública municipal necessitar.

Por fim, os discursos contidos no JPB passam associa o progresso local, ao ímpeto campinense, é este ímpeto que jamais irá assumir Campina Grande em um segundo lugar, seguindo sempre em busca do primeiro, do topo como um audaz competidor. A característica pacífica do campinense por vezes atribuída à identidade local é totalmente descartada quando o assunto é aumentar a glória de sua cidade ou que for produto nativo da mesma ele se inspira nos *Aguerridos heróis de legenda* que estão a estampar o Hino municipal, os colonistas usam dessas atribuições oficiais para criar a seu modo a consciência coletiva inflamando o já hiperbólico olhar que o *campinismo*

⁴¹ Robério Maracajá Henriques (1929-2000) foi um jornalista, crítico literário, ensaísta, poeta, folclorista, contista, romancista, e professor. Teve grande atuação como cronista para o *Jornal da Paraíba*.

produziu para Campina Grande em prova de sempre tratando de tornar superior o que aqui fosse feito.

A identidade local no caso seria a lupa a quem o campinense sempre observa a cidade em toda grandiosidade que quer ver para a *Rainha da Borborema*; mas não apenas isso o *campinismo* teria por fim seu uso como termômetro do ânimo campinense em todas suas características, mostrando o quão saudável estava o espírito do campinense frente a fase que estava sendo percorrida.

Parece-me, entretanto, que o campinense está renascendo. Despertando o seu campinismo, sem campinadas. Descobrimo o seu direito de gritar, de brigar, de retomar sua posição. Não é preciso lutar por liderança. Basta que brigue por seus interesses, num jogo limpo. (JORNAL DA PARAÍBA, 06 de jul 1978, p. 2).

Estes interesses que agora não são mais ligados tão somente a questão da primazia econômica trazem em suas linhas gerais o discurso busca pelo bem estar coletivo, algo que está relacionado com a “comunidade imaginada” tentando unir diferentes vontades e as sacrificando para a perpetuação das glórias de outrora no tempo presente (HALL, 2014). A vitória de Campina Grande não corresponde mais aos números e sim ao seu discurso, sua identidade baseada nas tradições de origem simbólica que definiram esta cidade em ponto de progresso imerso em um mar de paralisia⁴² tendo como única exigência o respeito a seu lugar natural, típico de uma metrópole, mesmo que sendo interiorana “Esta cidade anda por si todavia não pode ser em circunstância alguma, relegada a segundo plano” (JORNAL DA PARAÍBA, 20 de fev 1975, p.2).

Seguindo a cartilha de Ayrton Senna onde o piloto afirmou que “O segundo nada mais é do que o primeiro dos perdedores” Campina Grande seguiria a atravessar esse e qualquer outro tempo de dificuldades para a cidade de cabeça erguida, reconhecendo a partir de seu discurso seu verdadeiro local diante de toda a qualquer situação em uma união que ainda não saiu do seio campinense, a alusão de Campina Grande sempre com o número um, a primeira posição.

⁴² Em alguns periódicos do ano de 1973 havia nas colunas sobre a cidade o título: “Números falam mais alto” em claro destaque ao momento em que a cidade voltou a arrecadar em tributos para o Estado tanto quanto a Capital.

CONCLUSÃO

Não há porque negar ou tentar esconder, o campinense é realmente um apaixonado adquiriu o *campinismo* devido ao contato prolongado com o destilado da identidade local. Esta paixão com traços de ardor febril e embriaguez crônica, onde o ardor vem da defesa de seu município diante de detratores, a embriaguez advinda do destilado criado pela mistura de tradições e discursos que tem como resultado final a identidade local acrítica e naturalizada. Esta paixão, porém custou-lhe a visão ele não percebe que o seu discurso pertence a um processo criativo com inúmeros vieses, mas apenas um objetivo em comum que é trazer uma cidade que lhes foi ambicionada, querida e tão desejada quanto o mais ardoroso sonho de um apaixonado “O que importa resgatar, do ponto de vista da história cultural urbana, é que ‘a cidade do desejo’, realizada ou não, existiu como elaboração simbólica na concepção de quem a projetou e a quis concretizar”. (SOUSA, apud PASAVENTO, 2014, p.19).

É no campo poético que se percebe mais forte a questão da cidade imaginada, nas declamações sobre a cidade em si Campina Grande ganha com sopro de vida do campo lírico passando a tomar formas de uma mulher e cabe ao artista que declama sobre ela definir esses contornos que vão sendo expressos nos versos e nas vozes dos criadores da cidade musa. Os filhos, porém não são tão prevacentes no campo poético e apesar de que tratem de suas ações e de seu ímpeto ele parece brotar mais no campo poético por sua relação como filhos da cidade adquirindo seu jeito de ser pela educação que a cidade dá a cada leal súdito. É a cidade lírica que toma ares de maior pureza com as atribuições positivas e os adjetivos variados para tratar de uma mesma forma de exaltar Campina Grande. Buscando mostrar a imponência real da “Rainha da Borborema” o poeta embriagado pelo *campinismo* e a paixão que tem por sua cidade amada trata por extirpar o ar pesaroso que outros campos da linguagem discursiva trazem sobre o município e elencam no seu idealismo a Campina Grande perfeita.

E é neste campo que se constrói a memória oficial da cidade e mesmo que a decadência tenha chegado à cidade o campo poético cuidou para blindar a visão de uma Campina Grande puramente qualificada fosse manchada pela lama da crise política e econômica. O Hino é o melhor exemplo a ser elencado quando se tratou por instaurar a cidade modelo nos corações e mentes de ouvintes e leitores em uma volta ao romantismo que instituiu identidades e tradições no século XIX, em plena constituição afirmativa dos Estados Nacionais enquanto força política e de coesão (MORGAN, 2014). A perspectiva do período romântico campinense que atinge seu grau formador de identidades entre o poder oficial tem espaço nesta conturbada década de 1970 reunindo os elementos oficiais e elegendo o que deve ser visto como cidade e como campinense, os dois em uníssono para a formação da identidade local.

É sobre a cidade simbólica criada no período que o *campinismo* construiu e busca manter de modo cristalizado formando trincheiras que delimitaram seu discurso em um processo que busca negar o lado histórico no que concerne a mutabilidade natural do tempo tornando esta cidade será para sempre imutável na essência de um ser hipotético retrocede ao sujeito iluminista, com sua essência preservada (HALL, 2014). Foi pela construção de discursos que a crise que a comuna campinense havia passado pode ser esquecida quando falamos sobre a identidade local, as transformações são em sua grande maioria são positivas e foram reforçadas no período para atender a demanda de uma nova identidade baseada na tradição inventada “dar a impressão de estabilidade em períodos de mudanças internas, e de continuidade e de conforto em tempos de tensão e declínio internacional” (CANNADINE, 2014, p. 190).

Mas resta um sentimento a soprar seu vento nessa ilha de segurança que se tornou a fala sobre Campina Grande no campo poético, o sentimento da saudade é que mais abala os corações dos artistas sobre esta angústia da modificação da cidade de ontem para o progresso que se tornou lema de vida da mesma que os atinge de forma mais aguda orgulhando-se de seu futuro, mas com suspiros de angústia ao ver a cidade destruindo em seu processo de antropofagia progressista o passado que não pode ser mais alcançado de forma física de modo satisfatório.

Já o JPB trouxe em suas páginas dedicadas a comentar Campina Grande com traços maiores do pragmatismo, mas sem deixar o ufanismo de lado no antagônico jogo de noticiar e formar opiniões demonstrando os motivos dessa sede pelo progresso que os filhos de Campina Grande têm para si acusando o espírito sujeito campinense, a pessoa física as atribuições que a “Rainha da Borborema” possui. Os artigos cuidam de comentar sobre a sociedade local e suas qualificações natas para o progresso, a luta, união e acolhimento com aqueles que vem buscar pousada. É isto que faz de sua cidade um local destinado a apenas olhar em direção ao futuro trazendo a culpa da saudade para si.

A crise enfrentada pelo município foi relegada a justamente ao tempo onde deve se manter no passado onde está inscrito, porém ele possibilitou o ressurgimento do espírito local. A mudança sempre foi a mola mestra para o reforço discursivo acerca da identidade e pouco se é falado nos jornais do período sobre a crise passada, e quando se é justamente busca mostrar os atributos originais do campinense que possibilitaram retomar o rumo do progresso, porém ressurgiu o sentimento de injustiça, o *campinismo* tornou-se amargo ao falar dos governos estaduais e sua parcial cegueira com relação ao município, a causa seria a cidade Capital do Estado. Foram reacesas as velhas chamadas da rivalidade com tons de revanchismo sendo talvez a principal herança da construção da identidade do período que ainda é replicada em cada menor motivo de disparidade entre as duas cidades.

O jornalismo tratou por concentrar esse sentimento de revanchismo da melhor forma possível passando em suas colunas de opinião a fomentar esse sentimento, Campina Grande neste campo parece que precisa de alguém a título de comparação, e instituiu João Pessoa para tal tarefa em uma frenética competição em chegar ao primeiro lugar, estar sempre no topo à cidade dos jornais tem esse frenesi competitivo e aguerrido motivo do crescimento da cidade ainda que tenha relaxado na segunda metade da década de 1960 por ingerências do poder oficial para com a cidade mãe Campina Grande.

Todavia mesmo com essas alterações significativas no que diz respeito ao aspecto econômico a identidade local do período que fora analisado os discursos produzidos no período tentaram trazer em seus atributos a certeza

de que os tempos não mudaram, a cidade permaneceria como sempre fora, a autoproclamada *Rainha da Borborema* deixa de lado sua supremacia a nível estadual e no interior da região Nordeste, faz como a realeza britânica ao ver a perda de seu poder real, se enche de símbolos, inventa tradições para demonstrar sua importância e anunciar a todos sua imutabilidade (CANNADINE, 2014). E ainda que os números apontem o contrário ela se eleva a liderança moral e mais importante, a manutenção do espírito campinense que pode ser acionado sempre que for necessário demonstrar que nada realmente mudou e interiormente tudo continua como está o tempo não atinge a cidade com seu aspecto destrutivo nem conseguirá pela atemporalidade da alma campinense.

As armas para derrotar esse monstro da temporalidade podem ser adquiridos provenientes do discurso jornalístico e poético. O primeiro é mais adequado enquanto uso para elogiar o povo campinense mostrando seu ímpeto nato e suas outras atribuições que o qualificam como merecedor de ser filho de Campina Grande como também para estimular a combatividade do campinense frente à luta, campinense este que não se rebaixa buscando outra forma possível para manter seu primeiro lugar e assim orgulhar sua cidade mãe. O discurso poético por sua vez blinda a “Rainha da Borborema” enquanto cidade tratando por embelezá-la pela sua natureza e constituição privilegiada no alto da Serra da Borborema, da beleza urbana em conjunto com a natureza assim explicando o motivo do orgulho campinense ao tratar das atribuições que apenas sua cidade possui. E ainda que a cidade possua defeitos eles serão solucionados em questão de ordem interna a intromissão é passível de represália em mais alto grau do *campinismo*, pois apenas alguém que possa ser chamado carinhosamente de filho de Campina Grande é que tem o direito de criticá-la sem deixar de lado o seu espírito de amor pela mesma.

O radialista Humberto Campos afirmava por vezes que se Campina Grande não existisse tinha de ser inventada, a toda esta carga afirmativa na frase estavam os incomuns eventos e as características peculiares que nascem no alto da Serra, mas além dos fatos que ocorrem sobre a cidade Humberto Campos talvez não tenha percebido que a tão peculiar comuna que ele defendeu por vezes em artigos de opiniões nos jornais da cidade foi realmente inventada pelos discursos que serviram de alicerce ao *campinismo* e foi

planejada de acordo com as exigências do período para abrigar ao máximo a comunidade local em torno de um ideal. O campinense é deste modo um constructo e construtor de discursos que lhes servem como ferramentas para identificar-se como tal, ele foi criado e não nasceu assumindo para si o manto da cidade e o *campinismo* como a principal bandeira de ordem local, e na sua cegueira causada pela doença ele não percebe que é continuador deste processo cíclico de identidades onde mantêm as engrenagens das tradições que deram a sua Campina Grande o status que ela hoje representa. Sendo assim um processo difícil de libertar-se porque quanto mais o campinense tenta fugir mais ele se aproxima de sua cidade, pois a sua identidade se reforça de maneira mais gritante quando se distancia de sua terra.

Campina Grande assim o foi construída por princípios que a norteiam e que foram imprescindíveis para a reconstrução da identidade local tão abatida no final da década de 70 do século passado. Os esforços de diversos setores locais trouxe em seus discursos a recriação de uma imagem para o município pegando os moldes da Campina Grande pujante no cenário estadual e transferindo-os para a nova realidade municipal, retomando sua cidade como um gigantesco oásis de progresso em meio ao desértico campo do derrotismo em que a paisagem do Nordeste foi criada. Campina Grande se configurou como única e demarcou seus limites discursivos, traçou uma imagem para si e cristalizou, mas este discurso continua recebendo reforços e passando a ele é percebido, porém a cada dois anos onde o teatro de poder político utiliza desses recursos para obter o apoio do eleitorado campinense tornando-se feiticeiros, bruxos, que invocam os fantasmas do discurso campinense para que possuam o corpo dos habitantes da localidade para seus interesses reforçando ainda mais o localismo que Campina Grande instituiu para si.

E é sobre a fortaleza de muralhas naturais a que são conhecidas como Serra da Borborema em um Oásis no meio do deserto que repousa o espírito campinense, vivendo em um claro processo de construção e reconstrução discursivo próprio para continuar manter a atualidade da identidade e a juventude do ideal local, colocando Campina Grande sempre no pedestal a que seus filhos elegeram, pois é isto que Campina Grande representa e deve ser maior que tudo e todos como o mote em latim *Solum Inter Plurima* que está expresso no brasão de armas do município, que pode ser vivido a cada

discurso de amor, ufanista e de apego à cidade que é expresso pela cidade, pois assim se resume a Campina Grande do lema e do campinismo: Única entre muitas.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Joabe Barbosa. **Uma festa para a rainha da Borborema: O centenário de Campina Grande (1960-1964)**. Campina Grande, 2014. 190 f. Dissertação (Mestrado em história) – Centro de Humanidades. Universidade Federal de Campina Grande, 2014.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

CANNADINE, David. Contexto, execução e significado do ritual: a monarquia britânica e a “invenção da tradição”, c. 1820 a 1977. In: HOBBSAWN, ERIC; RANGER, Terence (org.). **A invenção das tradições**. 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

CARDOSO, Carlos Augusto de Amorim. **A cidade cogumelo: Campina Grande das feiras às festas**. Fortaleza: Mercator, ano 01, nº 2, p. 41-60, Jul-Dez 2002.

CITTADINO, Monique. **O poder local e a Ditadura Militar: O governo João Agripino – Paraíba (1965-1971)**. Bauru: Edusc, 2006.

DIAS, Margarida Maria Santos. **Intrepida Ab Origine: O instituto Histórico e Geográfico Paraibano e a produção da história local**. João Pessoa: Almeida Gráfica e Editora Ltda, 1996.

FILHO, Severino Cabral. **A cidade revelada: Campina Grande em Imagens e História**. Campina Grande: UFCG, 2009.

GAUDÊNCIO, Bruno. RODRIGUES, José Edmilson (Org.). **Inventário Lírico da Rainha da Borborema: 150 anos de poesia**. João Pessoa: A União, 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HOBBSAWN, ERIC; RANGER, Terence (org.). **A invenção das tradições**. 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

MARQUES, Thiago Trindade. **Do desenvolvimentismo ao alinhamento a conduta militar: As peripécias da política campinense (1963-69)**. João Pessoa, 2012. 113 f. Dissertação (Mestrado em história) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal da Paraíba, 2012.

MORGAN, Prys. Da morte a uma perspectiva: a busca do passado galês no período romântico. In: HOBBSAWN, ERIC; RANGER, Terence (org.). **A invenção das tradições**. 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

OLIVEIRA, Maria José Silva. **Do discurso dos planos ao plano discurso: PDLI – Plano de Desenvolvimento Local de Campina Grande 1970-1976**. Recife, 2005. 181 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) – Centro de Artes e Comunicação. Universidade Federal de Pernambuco, 2005. p. 67-90.

ROPER, Hugh Trevor. A invenção das tradições: a tradição das Terras Altas (Highlands) da Escócia. In: HOBBSAWN, eric; RANGER, Terence (org.). **A invenção das tradições**. 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

SOUSA, Katyucia Kelly Catão de. **Sonhos urbanos: O parque do açude novo e a (re) construção da “alma campinense”**. Campina Grande (1969-1976). Campina Grande, 2014. 99 f. Dissertação (Mestrado em história) – Centro de Humanidades. Universidade Federal de Campina Grande, 2014.

FONTES

JORNAIS:

Jornal da Paraíba (1973-1979)

SITES

<http://cgretalhos.blogspot.com.br/>

<http://www.carlosmagno.com.br/>

<http://ces.ibge.gov.br/base-de-dados/metadados/ibge/censo-demografico.html>